

# VILA RICA

Cláudio Manuel da Costa (pseudônimo Glauceste Satúrnio)

VILA RICA

Poema de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, Arcade Ultramarino, com o nome de GLAUCESTE SATÚRNIO, oferecido ao Ilmo e Exmo Sr. Conde de Bobadela.

Ano de 1773

*Ultra gargantas, et Indos proferet imperium*

VIRGÍLIO, Eneida, VI

## ÍNDICE:

-----  
Carta dedicatória

Prólogo

Fundamento Histórico

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X  
-----

## CARTA DEDICATÓRIA

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Depois de haver escrito o meu Poema da fundação de Vila Rica, Capital das Minas Gerais, minha Pátria, a quem o deveria eu dedicar mais que a V.Exa.? Há muito que ansiosamente solicito dar ao Mundo um testemunho de agradecimento aos benefícios que tenho recebido da Excelentíssima Casa de Bobadela: este me persuado que o pode ser, se não pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade que o ler confessará ingenuamente que não obrou a lisonja, aonde sobressai a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclaríssimos nomes de V.Exa. e do Esmo. Sr. Gomes Freire de Andrada, bem digno Irmão, mas poder-se-á conhecer ao mesmo tempo que me deu dilatadíssimo campo um merecimento a todas as luzes sólido, grande e incontestável.

Quem ignora que por quase trinta anos descansaram com felicidade nas mãos dos Exmos. Freires as Minas do Ouro do nosso Portugal? Quem não viu alegres os Povos, satisfeito o Monarca e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da justiça por todo este espaço do saudoso governo daqueles Heróis? Pudera produzir muitas provas, se me não sobrasse por todas a mesma diuturnidade dos anos que refiro. Parece que o Rei desejava fazer eternos na proteção destes Vassallos, tão apartados do seu trono, aqueles espíritos que tanto apetecia ter ao seu lado: esta foi a maior significação de amor com que distinguiu aos moradores das Minas e este o testemunho maior com que qualificou o conceito que formava dos Excelentíssimos [Freires] .

Devera agora arrebatá-me na individual exposição de todas as virtudes de V.Exa., no elogio do seu esclarecido sangue, na portentosa série das suas ações: tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisonjeia por extremo, e me estimula tudo.

Levantara uma nova Epopéia, que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcelos; mas que posso dizer, se reconheço tão desigual o canto à vista do objeto que concebo! O Mundo me acusaria sempre de diminuto: e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço o meu obséquio. Sou  
De V. Exa.

Humilde Servo,

Cláudio Manuel da Costa

## PRÓLOGO

LEITOR,

Eu te dou a ler uma memória por escrito das virtudes de um Herói que fora digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar que eu tenho produzido ao Mundo um Poema com o caráter de épico; sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aqueles homens a quem a Fama celebra laureados na Grécia, na Itália, em Inglaterra, em França e nas Espanhas. Todos se expuseram à censura dos críticos, e todos são argüidos de algum erro ou defeitos; a razão pode ser a que assina um bom Autor: inventaram-se leis aonde as não havia. Mas dou-te, que eu não te ofereça mais que uma composição em metro, para fazer ver o distinto merecimento de um General que tão prudentemente pacificou um Povo rebelde, que seguiu a Real Autoridade e que estabeleceu e firmou, entre as diferentes emulações de uns e outros Vassallos desunidos, os interesses que se deviam aos Soberanos Príncipes de Portugal: dirás que é digna de repreensão a minha empresa? Na verdade não espero do teu benigno ânimo esta correspondência: e tudo o que não for injúria ou acusação será para mim uma inestimável remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligência por averiguar a verdade, digam-te as muitas Ordens e Leis que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de notícias tão individuais com que formei o plano desta obra: pode ser que algum as conteste pelo que tem lido nos escritores da História da América; mas esses não tiveram tanto à mão as concludentes provas de que eu me sirvo; não se familiarizaram tanto com os mesmos que intervieram em algumas das ações e casos acontecidos neste País; e ultimamente não nasceram nele, nem o comunicaram por tantos anos como eu.

E se estas Minas, pelas riquezas que têm derramado por toda a Europa, e pelo muito que socorrem com a fadiga dos seus habitantes ao comércio de todas as nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da Pátria, que me obrigou a tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor pena uma terra que constitui hoje a mais importante Capitania dos domínios de Portugal.

## FUNDAMENTO HISTÓRICO

PERSUADIDO O AUTOR desta obra de que não serão bastantes as notas com que ilustrou os seus Cantos a instruir ao Leitor da notícia mais completa do descobrimento das Minas Gerais, da sua povoação e do aumento a que têm chegado os seus pequenos Arraiais, se resolveu a escrever esta preliminar histórica, em que protesta não pertender alterar a verdade a benefício de alguma

paixão, e só se regula pelo mais crítico e incontestável exame, que por si e por pessoas de conhecida inteligência e probidade pôde conseguir sobre fatos que ou a tradição conserva de memória, ou escreveu raramente algum gênio curioso, que o testemunhou de vista.

Entre os desta conduta deu um importante socorro o Coronel Bento Fernandes Furtado, natural da Cidade de São Paulo, que há poucos anos faleceu no Serro do Frio, tendo sido morador no Arraial de São Caetano, distrito da Cidade Mariana. Confiou ele do Autor em sua vida alguns apontamentos que fizera, e achando-os o Autor em muita parte dissonantes do que havia lido na História de Sebastião de Pita Rocha e outros escritores das cousas da América, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das Câmeras e Secretarias dos Governos das duas Capitâneas, São Paulo e Minas.

O Sargento-Mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural também da mesma Cidade de São Paulo, e ali morador, de estimável engenho e de completo merecimento, remeteu ao Autor desde aquela Cidade todos os documentos que conduziam ao bom discernimento desta obra, e regendo-se o Autor por Ordens Régias, Cartas de Governadores e atestações de Prelados Eclesiásticos, e manuscritos desde a era de 1682 achados nos arquivos que foram dos padres denominados da Companhia de Jesus naquela Província, facilmente poderá desculpar-se se oferece ao público este Poema, sem o receio de ser insultado nas opiniões que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns e outros sectários.

Os naturais da Cidade de São Paulo, que têm merecido a um grande número de geógrafos antigos e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu Soberano, faltos do conhecimento e do respeito que devem às suas leis, são os que nesta América têm dado ao Mundo as maiores provas de obediência, fidelidade e zelo pelo seu Rei, pela sua Pátria e pelo seu Reino.

A vigilância com que atendiam pela harmonia e utilidade econômica do seu País os aconselhou, muito antes que a todo o Portugal, a fazer sair das suas terras aos padres denominados da Companhia de Jesus; por sediciosos e maus, os puseram eles em um total extermínio em o mês de julho de 1640 e, por força de caridade indiscreta de Fernão Dias Paes contra o voto comum, foram depois restituídos a São Paulo em o ano de 1653.

Trabalharam incessantemente por adiantar os interesses do Real Erário e se gloriam de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bueno de Siqueira os primeiros Paulistas que apresentaram as mostras do ouro das Minas Gerais ao Governador do Rio de Janeiro, Antônio Paes de Sande, pelos anos de 1695.

Falecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remeteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada em o Rio de Janeiro, a 16 de junho do mesmo ano.

Por este tempo se serviu Sua Majestade de despachar a Artur de Sá e Menezes por Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, e por Carta Régia de 16 de

dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul a executar o que se havia encarregado a Antônio Paes de Sande, praticando com os Paulistas beneméritos as mesmas honras, e mercês de Hábitos, e foros de Fidalgos da Casa, conteúdos na Real Instrução, que pela Secretaria do Estado se expedira ao dito Sande. Depois por Carta Régia de 27 de janeiro de 1697 se mandou sair ao dito Sá com seiscentos mil réis de ajuda de custo em cada um ano, além do seu soldo.

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o Autor por mais certa e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente qual fosse o primeiro Paulista que descobriu as Minas Gerais, de que particularmente se trata nesta obra. É sem controvérsia que o primeiro objeto dos conquistadores de São Paulo foi o cativo dos índios, porque eles substituíam a falta dos escravos, que ao depois entraram em grande número das costas d'África.

Desde o estabelecimento daquela Povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, de onde derivou o nome, se deve presumir que giravam muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavam as Minas, saindo em Bandeiras (que assim chamavam as companhias que para esta diligência se armavam), e recolhendo-se ao depois com a presa que facilmente podiam segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notável o da Casa da Casca, nome que se deu a uma Aldeia sobre as costas do Rio Doce, que vai fazer barra à Capitania do Espírito Santo e principia a formar-se desde o Córrego do Ouro Preto, recebendo em si imensos ribeiros e rios caudalosos. Destes Sertões se recolhia na era de 1693 Antônio Rodrigues Arzão, natural da Vila de Taboaté, com mais cinqüenta homens de sua comitiva. Chegado à Capitania do Espírito Santo, apresentou ao Capitão-Mor Regente daquela Vila três oitavas de ouro; a Câmara os recebeu com agrado e lhes subministrou os víveres e vestuários de que careciam, segundo as ordens que d'El-Rei tinha.

Deste ouro se mandaram fazer duas memórias, uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o Capitão-Mor: aqui se fundamenta o episódio do Segundo Canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem dúvida a primeira que se fez de ouro que se descobria nas Minas Gerais; e a de que se conserva memória em São Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circunstâncias discorre o Autor ser posterior a ela. Antônio Rodrigues Arzão, não podendo ajuntar na Vila do Espírito Santo a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e daí para São Paulo: nesta Cidade, ferido gravemente dos trabalhos que passara, enfermou e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a Bartolomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartolomeu Bueno dotado de bastante agilidade e fortaleza de espírito e, como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi fácil querer melhorar de fortuna,

tomando sobre si, com o favor de alguns amigos e parentes, a grande empresa a que havia dado princípio Antônio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixara o falecido, saíram da Vila de São Paulo pelos anos de 1694. Romperam os matos gerais, e servindo-lhes de norte o pico de algumas serras, que eram os faróis na penetração dos densíssimos matos, vieram estes generosos aventureiros sair finalmente sobre a Itaverava, serra que de Vila Rica dista pouco mais de oito léguas: aí plantaram meio alqueire de milho; e porque o Sertão era mais estéril de caça que o do Rio das Velhas, para este passou Bartolomeu Bueno a tropa, enquanto madurava a pequena sementeira de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No ano seguinte, que foi o de 1695, voltaram os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava foram encontrados do Coronel Salvador Fernandes Furtado e do Capitão Manuel Garcia Velho e outros, conquistadores também do Gentio e povoadores das Vilas que ficam ao leste de São Paulo: já então trabalhavam com algum desembaraço os primeiros sertanistas, ajudados de um grande número de índios, que haviam cativado nos sertões do Caeté e Rio Doce; mas como lhes obstava a falta de experiência necessária, e não tinham instrumentos de ferro para a laboreação, apenas se contentavam com o pouco que podiam apurar em pequenos pratos de pau ou de estanho, servindo-lhes os mesmos paus aguçados de cavar a terra e descobrir os cascalhos, formações em que se conserva e se cria o ouro.

Quis Miguel de Almeida, um dos companheiros do Bueno, melhorar de armas, e propôs ao Coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse nos da comitiva; aceitou o Coronel a oferta, e dando-se busca ao ouro, se não achou entre outros mais que doze oitavas; recebeu-as o Coronel, e como Manuel Garcia Velho quisesse ter a vaidade de aparecer com todo aquele ouro em São Paulo, cometeu ao Coronel a venda de duas índias, mãe e filha, a preço das doze oitavas: conveyo este no trato e compra das índias, as quais catequizadas, se batizou uma com o nome de Aurora, e outra com o de Célia. Desta última há notícia que faleceu há poucos anos na Vila de Pitangui, em casa de uma filha casada do dito Coronel, e aqui tem fundamento histórico o episódio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas dos outros, partiu ufano para São Paulo o Capitão-Mor Manuel Garcia Velho; entrando na Vila de Taboaté, aí o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque lhe não faltava habilidade e engenho para se conciliar com os patrícios, houve a si as doze oitavas de ouro; com elas se passou ao Rio de Janeiro, apresentou-as ao Governador (como já se disse) e foi premiado com a patente de Capitão-Mor da Vila de Taboaté.

Conseqüentemente o nomeou o mesmo Governador Provedor dos Quintos, concedendo-lhe as ordens necessárias para estabelecer fundição na mesma Vila, por ser ela a povoação onde desembarcavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que Antônio Rodrigues Arzão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as três oitavas de ouro que descobriu nas Minas Gerais, a sua morte impediu o progresso desta denúncia, e ficou Carlos Pedroso

conseguindo a glória de apresentar o ouro que ele não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira e o estabelecimento da Casa da Fundição em Taboaté foram os dous fortes estímulos que animaram os Paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fábrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a Pátria, rompendo os matos gerais desde a grande Serra do Lobo, que divide a Capitania de São Paulo, até penetrarem o mais recôndito das Minas, menos) á na conquista do Gentio, que na diligência do ouro.

O grande número de concorrentes que buscavam as Minas, e a emulação que logo se acendeu entre os da Vila de São Paulo e os naturais de Taboaté fez que, estendidos por várias partes, buscasse cada um novo descobrimento em que se estabelecesse, não se contentando os Paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras que denunciavam os de Taboaté, nem estes nas que denunciavam os Paulistas.

Esta opinião, que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma Pátria, posto que de diferentes distritos, veio finalmente a produzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do nosso Portugal, de serem penetradas de uns e de outros, não se perdoando ao rio mais remoto e caudaloso, nem à serra mais intratável e áspera, se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras veio a conceber-se mais tarde que o dos rios e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercam dos lados.

E porque não é intento do Autor cansar ao Leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos que têm a glória de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas famílias e pátria, e menos noticiar individualmente os rios, córregos e serras que por sua ordem se foram descobrindo, de que tudo tem uma verídica e suficiente informação, só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quais foram aqueles que deram ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se acham criadas as Vilas do Ouro Preto, a Cidade Mariana, a Vila do Sabará, a do Caeté, a de São João d'El-Rei, a de São José e a do Príncipe no Serro do Frio, que fazem as cabeças das quatro Comarcas da Capitania das Minas Gerais.

\*

\* \*

Vila do Carmo, hoje Cidade Mariana

1699

MIGUEL GARCIA, natural de Taboaté, foi o primeiro que deu ao manifesto um córrego que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se compreende no distrito da Cidade Mariana: fez a repartição o Guarda-Mor Garcia Rodrigues Velho, com assistência do Escrivão das Datas, o Coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do Carmo descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de São Paulo, e o manifestou em 1700: repartiu-se, e porque as faisqueiras eram invencíveis pela grande frialdade das águas, despenhadeiros e matos cerradíssimos que o cercavam de ambas as margens, tanto, que só permitia trabalhar-se dentro dele quatro horas do dia, além da grande penúria dos mantimentos, que chegou a trinta, e quarenta oitavas o alqueire de milho, e o de feijão a oitenta oitavas, foi fácil desampararem os mineiros por algum tempo a sua Povoação, e só permaneceu nela o Coronel Salvador Fernandes Furtado. Dista este Ribeirão até a barra do Rio Doce 16 te 18 léguas, e pela volta do Rio se computam 30. Está situada em 20 graus e 21 minutos. Passou a ser Vila por criação do Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 8 de abril de 1711.

\*

\* \*

Ouro Preto, ou Vila Rica

O OURO PRETO, que compreende em si vários ribeiros e morros com diferentes denominações, como são Passadez, Bom Sucesso, Ouro Fino, ou Bueno etc, teve por descobridores nos mesmos anos de 1699, 1700, 1701 Antônio Dias, natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de São Sebastião, que viera por Capelão das Tropas de Taboaté, a Tomás Lopes de Camargo, que se sitiou nas lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este último primo do primeiro descobridor da Itaverava, Bartolomeu Bueno: de todos estes tomaram nome alguns bairros de Vila Rica. Foi criada a Vila pelo Governador Albuquerque, no dia 8 de julho de 1711; está situada em 20 graus e 24 minutos ao poente.

\*



\* \*

## Sabará

TENDO SIDO ATRAVESSADO o dilatadssimo sertão do Sabará-Bussu muito antes de qualquer outro das Minas, porque os primeiros conquistadores demandavam o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas eram mais povoadas dos Gentios e férteis de caça, e as primeiras diligências do ouro e pedras se fizeram ao norte de São Paulo, consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras, fora o Tenente-General Manuel de Borba Gato, natural de São Paulo, de cuja história se faz meno no Canto nl. O descobrimento foi na era de 1700. Assistiu  reparto o Governador Artur de S e Menezes: passou Sabará a ser Vila em 17 de julho de 1711, por criao do Governador Antônio de Albuquerque: a sua situao  em 19 graus e 52 minutos.

\*

\* \*

## Caeté, Vila da Rainha

ENTRE o SABARÁ e o Arraial de Santa Bárbara se criou a Vila Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome braslico de Caeté, que vale o mesmo que mato bravo, sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do Sargento-Mor Leonardo Nardes, Paulista, e de uns fulanos Guerras, naturais da Vila de Santos. O Governador D. Brás da Silveira lhe deu o foral de Vila em 29 de janeiro de 1714, por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antônio de Albuquerque. Está situada em 19 graus e 55 minutos.

\*

\* \*

## Rio das Mortes, Vila de São João e São José

O Rio DA MORTES, que os Paulistas e viandantes das mais partes atravessavam

freqüentemente, por distar nos primeiros tempos do Ouro Preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinária, foi descoberto por Tomé Portes d'El-Rei, natural de Taboaté, passados muitos anos depois do descobrimento das primeiras povoações. Aí se criou a Vila de São João d'ElRei, ficando-lhe ao nascente a de São José, no lugar então chamado a Ponta do Morro; foi descobrimento de José de Siqueira Afonso, natural de Taboaté. Foram criadas estas Vilas pelo Governador D. Pedro de Almeida, em 19 de janeiro de 1718. A Vila de São João está em 21 graus e 20 minutos; São José em 21 e 5.

\*

\* \*

#### Serro Frio, Vila do Príncipe

ANTÔNIO SOARES, natural de São Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os Sertões ao norte de São Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado o do Frio, que na língua gentílica era tratado por Hivituraí, por ser combatido de frigidíssimos ventos, todo penhascoso e intratável: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro d'Antônio Soares. Neste descobrimento se associou um Antônio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já se deu notícia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes e todo o gênero de pedras estimáveis são bem conhecidas por toda a Europa: nele se estabeleceu o Real Contrato Diamantino, que tem devido aos Senhores Reis de Portugal a maior vigilância e zelo. A Capital denominada Vila do Príncipe foi criada por D. Brás da Silveira, em 29 de janeiro de 1714. Está situada em 18 graus e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro Comarcas, apenas se achará rio, córrego ou serra que não devesse aos Paulistas o descobrimento das suas faisqueiras, e estes são os serviços com que se têm acreditado, além de muitos outros, os naturais da Cidade de São Paulo.

Digam agora os geógrafos que todos são mamelucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injúria o haverem nascido entre aquelas montanhas: as almas é certo que não têm Pátria, nem berço; deve-se amar a virtude onde ela se acha: nenhuma obrigação tinha a natureza de produzir só na Grécia os Alexandres, só em Roma os Cipiões.

Qui pur s'intende

Di gloria il nome, e la virtù s'onora,

A l'Alessandri suvi l'ldaspe ancora.

## O ABADE PEDRO METASTÁSIO, no Drama de Alexandre

\*

\* \*

### Primeira divisão das Comarcas

EM 6 DE ABRIL DE 1714 se fez a divisão das Comarcas com assistência do Sargento-Mor, Engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do Capitão-Mor Pedro Frazão de Brito, e se assentou que a Comarca de Vila Rica se dividisse dali em diante da de Vila Real, indo pela estrada de Mato-Dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro, entre o sítio do Capitão Antônio Ferreira Pinto e do Capitão Antônio Correia Sardinha, e faz barra no Ribeirão de São Francisco, ficando a Igreja das Catas Altas para a Vila do Carmo, e pela parte da Itaubira se faz divisão no mais alto do morro dela, e tudo o que pertence a águas vertentes para a parte do sul tocará à dita Comarca de Vila Rica, e para a parte do norte tocará à Comarca de Vila Real. O Ribeirão das Congonhas, junto do qual está um sitio chamado Casa Branca, servirá de divisão entre as Comarcas de Vila Rica e de São João d'El-Rei, devendo tocar a Vila Rica tudo o que se compreende até ela vindo do dito ribeirão para as Minas Gerais; e do mesmo pertencerá à Comarca de São João d'El-Rei tudo o que vai até à Vila de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira. Presidiu a esta repartição o Governador D. Brás Baltezar da Silveira, e assinaram nela todos os Procuradores das Vilas. Consta do Livro dos Termos na Secretaria do Governo, à fl.36.

\*

\* \*

### Série dos Governadores

TORNANDO A SÉRIE dos Governadores que ou entraram nas Minas, tendo anexas as Capitânicas de São Paulo e Rio de Janeiro, ou que particular e sepa radamente as governaram, a que aludiu o Autor naquele verso.- Fernando, Artur e D. Rodrigo, o morto - é sem dúvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ela, sucederam na administração das Minas Gerais todos os que se apontaram

cronologicamente no Canto IX.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manuel de Borba Gato, morador no Rio das Velhas, a pólvora e o chumbo, e mais petrechos e ferramenta da sua laboreação para tornar às Minas logo que recebesse as Reais Ordens. Saía D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns Paulistas, como foram Matias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, Manuel Francisco, pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado, pai de Genuário Cardoso, e vários outros que tinham a prática dos sertões das Minas.

Avizinhando-se D. Rodrigo ao Borba, no intento de querer passar às minas das esmeraldas, lhe mandou pedir o socorro, que precisava de pólvora e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro: repugnou o Borba, a pretexto da espera em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavam ao Fidalgo ir à força despojar o Borba do que pediam, pacificou D. Rodrigo este primeiro ímpeto, tomando sobre si a consecução do negócio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudência de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borba, foi morto D. Rodrigo nessa ocasião por uns pajens, ou bastardos, que viviam agregados a ele: a esta morte se seguiu salvar-se engenhosamente o Borba, afetando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em consequência da fugida, em que para logo se puseram os Paulistas acima nomeados, foram eles os primeiros que se entranharam pelo Rio de São Francisco, e povoaram e encheram de gados as suas margens, de que hoje se sustenta o grande corpo de Minas Gerais; nem mais quiseram voltar para a Pátria, envergonhados do engano em que haviam caído.

Temeroso o Borba de que o buscassem as justiças, e que sobre a sua prisão fizesse El-Rei as maiores diligências, se meteu aos sertões do Rio Doce com alguns Índios domésticos da sua comitiva: aí viveu vários anos respeitado por Cacique, sem mais lei, ou civilidade, que aquela que podia permitir uma comunicação entre bárbaros.

Estimulado contudo dos remorsos da consciência, cuidou em mandar dous Índios práticos a São Paulo a tomar alguma inteligência dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime; estes lhe facilitaram o acesso ao Governador Artur de Sá e Menezes, recentemente chegado àquela Capitania; falou-lhe Artur de Sá com afabilidade e lhe prometeu o perdão em nome d'El-Rei, contanto que ele fizesse certo o descobrimento que denunciava do Rio das Velhas.

Bem se pode considerar o estado em que se achariam as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo e a liberdade dos facinorosos punham e revogavam as leis a seu arbítrio. O interesse regulava as ações, e só se cuidava em avultar em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma aquisição inocente. A soberba, a lascívia, a ambição, o orgulho e o atrevimento tinham chegado ao último ponto.

Aprestado o Borba, e socorrido de muitos parentes e amigos, acompanhou a Artur de Sá, chegou ao Rio das Velhas; deu ao manifesto este descobrimento, e se fez digno, pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiasse com a patente de Tenente-General de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Artur de Sá no Rio das Velhas; lavrado o mais fácil daqueles ribeiros, se retirou outra vez para São Paulo, substituindo-lhe uma espécie de jurisdição no Cível e no Crime o Mestre de Campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, Guarda-Mor das Repartições das Terras e Datas Minerais, criado pelo mesmo Governador.

Com a ausência de Artur de Sá, como corpo sem cabeça, tornaram as Minas à primeira desordem: as distâncias das quatro Comarcas já penetradas, e cheias de um grande número de povoadores de diferentes Capitánias, que tinham entrado, dificultavam as providências de um só homem, em quem ainda não acabavam de reconhecer os povos a jurisdição de que estava encarregado.

Por este tempo se começaram a suscitar os ódios entre os filhos de São Paulo e os naturais de Portugal, que eles denominavam Buabas. Dous religiosos, cujos nomes e religiões se não declaram por se evitar o escândalo, fomentaram todo o calor desta desunião. Viviam eles na liberdade que permitia o País, e a impulsos de uma desordenada ambição atravessara com três arrobas de ouro o fumo e a cachaça, ou aguardente da terra, para a venderem monopolizadamente pelo mais alto preço. Quiseram logo praticar o mesmo com a carne dos gados, e encontrando a oposição dos Paulistas, resolveram acabar com eles, expelindo-os de uma vez das Minas, que eles haviam conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas famílias e fábricas.

Sucedendo uns fatos a outros, e tomando corpo a emulação, conseguiram os Europeus a expulsão e despejo dos Paulistas pelos anos de 1709 para 1710, regendo-os nesta ação os dous Chefes, Manuel Nunes Viana, com o caráter de Governador, com que o decoravam os seus, e Antônio Francisco, com o de Mestre de Campo, por nomeação do mesmo Viana.

Quais fossem estes dous homens, o dão bem a conhecer as notas que se ajuntaram ao Canto Quinto e Sexto e, posto que pelo que respeita a Viana se citasse só o testemunho do Conde de Assumar em uma carta registada no Livro nº 7 da Secretaria do Governo das Minas Gerais, no mesmo Livro se encontram infinitas outras, que acusam as intrigas, sublevações e desordens que ele continuava a maquirar nos distritos, onde vivia, do Rio das Velhas, as quais por brevidade se não transcrevem. Quanto a Antônio Francisco, o mesmo Conde dá um testemunho do seu caráter na carta escrita ao Doutor Valério da Costa Gouvea, Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de março de 1718, páginas 22 e 23; nela se lêem estas palavras:

Eu não sei se me expliquei bem, quando falava a V. Mcê. na minha antecedente no

extermínio deste homem, porque, se queria saber de V. Mcê. o partido com que aí me achava, era julgando ser precisa a prisão, porque bem sabia eu que os perturbadores e sediciosos não só podiam, mas deviam ser expulsados; a dificuldade só que se me oferecia era no modo de o fazer, porque a desgraça deste País é tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem é daqueles que se não prendem para se soltarem.

Fazendo, porém, justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquele tempo, tinha melhor índole que todos o suposto Governador Manuel Nunes Viana: não consta que cometesse, por si ou por algum de seus confidentes, positivamente ação alguma nociva ao próximo; desejava reger com igualdade o desordenado corpo que se lhe ajuntara; acolhia afavelmente a uns e a outros; socorria-os com os seus cabedais; apaziguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudência; ardia porém por ser Governador das Minas e, se tivesse letras, se podia dizer que trazia em lembrança a máxima de César - Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.

Este projeto lhe desordenava a serenidade do ânimo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daqueles a quem era devedor do mesmo lugar que ocupava: sobre este artigo é que o Autor o acusa nesta obra; sendo certo que a obediência aos Soberanos se deve tributar sem algum rebuço, e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel Vassalo.

Atormentavam os ouvidos de D. Fernando Martins de Mascarenhas os tumultos e desordens em que estavam as Minas, e querendo pessoalmente sossegá-las, marchou para elas desde o Rio de Janeiro em o mês de junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com o intento de passar ao Ouro Preto, aonde residiam principalmente os Chefes dos levantados: ofereceram-se-lhe alguns Paulistas e filhos de Portugal mais bem intencionados para o acompanharem nesta diligência; ele porém não consentiu no obséquio, por evitar assim algum ruído maior entre os sublevados; não cessaram contudo eles de fazer espalhar a notícia de que D. Fernando trazia cargas de correntes e outros instrumentos de ferro para punir aos cúmplices do levantamento e conspiração contra os Paulistas.

Derramada esta voz pelas Gerais, se dispôs Manuel Nunes Viana a disputar-lhe a entrada; armou então de política e cortejo um grande número de homens de cavalo, e repartiu ordens por todos os distritos circunvizinhos ao Ouro Preto, que com pena de morte se aprontassem aqueles moradores para uma diligência. Chegava D. Fernando ao Arraial das Congonhas, distante oito léguas de Vila Rica, quando os que acompanhavam a Viana, avistando de longe ao Governador, clamaram em altas vozes: Viva o nosso Governador Manuel Nunes Viana, e morra D. Fernando, se não quiser voltar para o Rio de Janeiro!

Alguns se querem persuadir que Manuel Nunes Viana entrara violentado nesta ação, e ele se pertendeu escusar do conceito de rebelde e sublevado, passando ocultamente na noite seguinte a falar a D. Fernando, protestando-lhe estar pronto para entregar o governo quanto à sua parte, e de tudo isto lhe pediu por escrito uma atestação.

Assustou-se o Governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederam-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do benefício, porque sem muita demora deu as costas às Minas e voltou para São Paulo; aí trabalhava ansiosamente em se reforçar com os Paulistas, para vir sobre os levantados, fazendo comua a afronta deles, e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio e Bahia, e juntos por uma parte e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nela veio render a D. Fernando o Governador e Capitão General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por patente datada em Lisboa em 23 de novembro de 1709.

Sem perda de tempo se pôs em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nelas disfarçado como qualquer particular, buscou o Arraial do Caeté a avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguiar, filho da Bahia, homem rico e poderoso, de conhecido valor e espírito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manuel Nunes Viana e todos os seus parciais pelas injustiças e violências que praticavam, especialmente com os filhos do Brasil de qualquer Província, a quem tinha transcendido o ódio conciliado contra os Paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguiar escrevera a São Paulo a D. Fernando Martins de Mascarenhas, oferecendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas e gentes que tinha já adquirido; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque a buscar na sua entrada aquele distrito do Caeté, hoje Vila Nova da Rainha.

Na passagem que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antônio Francisco o Capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: cumprimentaram-se sem algum susto, por ter servido o dito Antônio Francisco de soldado na praça da Colônia, na Companhia do mesmo Capitão. Este lhe deu a notícia de haver entrado já nas Minas o Governador, e o capacitou com fortes persuasões a que o buscassem, e se lançassem a seus pés os Chefes dos levantados, se queriam melhorar de semblante na sua causa.

A perturbação em que se via posto o governo de Viana, combatido pela parcialidade avultada de Sebastião Pereira de Aguiar, e os ameaços de um formidável castigo, que de ordem d'El-Rei acabava de insinuar o Capitão José de Souza, obrigaram a Manuel Nunes Viana, a Antônio Francisco e a muitos outros cabeças do levantamento a partirem sem demora para o Arraial do Caeté: aí se achava hospedado o Governador em casa de uns três irmãos, naturais também da Bahia, que eram José de Miranda Pereira, Antônio de Miranda Pereira e Miguel Alves Pereira, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguiar.

Prostraram-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculparam como lhes foi possível os seus crimes: o Governador os recebeu afavelmente, não querendo usar do poder e das ordens de que vinha fortalecido; segurou a todos o perdão pela emenda que dessem a conhecer para o futuro; e não tardou a capacitar a Manuel Nunes e Antônio Francisco que não convinha a assistência deles nas Minas Gerais,

por sossegar de uma vez o tumulto dos povos.

Retiraram-se com este conselho os dous para as fazendas que tinham nos Sertões: sossegou o povo com a ausência dos Patronos, e prosseguiu Albuquerque na criação das Vilas e estabelecimento da Capitania. Bem é de ver quanto suor e fadigas empregaria o prudente General em segurar o fim de uma tão escabrosa como interessante empresa. Foi ele o primeiro que susteve com desembaraço as rédeas do governo; que pisou as Minas com luzimento e firmeza do carácter, em que El-Rei o pusera; que promulgou as leis do Soberano, e fez respeitar neste Continente o seu nome. Esta a heroicidade que lhe considera o Autor por virtude da qual o contempla digno do elogio com que honra Solis ao seu Cortês:

Admirável conquista, e sempre ilustre Capitão! Daqueles que vagarosamente produzem os séculos, e de que há raros exemplos na História!

Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho sucedeu D. Brás Baltezar da Silveira, o qual tomou posse na Comarca de São Paulo, em 1713, e passou para as Minas nos fins de setembro do dito ano.

A este sucedeu em 1717 o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em setembro do dito ano. Foi o seu governo bastante crítico por encontrar a oposição dos povos na criação das Casas da Fundação. Subjugou heroicamente alguns levantados e sublevações, principalmente os de Pitangui, fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Vila Rica, que foi ter a Mariana em 28 de junho do ano de 1720: aqui se lhe fez preciso prender a uns e castigar a outros com a última pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tirano nas Minas; mas à sua constância e resolução deve Portugal a inteira sujeição da Capitania; o exemplar castigo acabou de aterrar os ânimos de um povo tantas vezes rebelde e seguiu de uma vez a Real Autoridade.

Quod si non aliam venturo fata Neroni

Invenere viam, magno que Eterna parantur

Regna Deis, Cœlumque suo servire Tonanti

Non nisi sœvorum potuit post bella Gigantum

jam nihil, ó Superi, querimur, scelera ista nefasque Hac mercede placent.

LUCANO, Pharsal., Liv. 1, v. 33.

Durou o governo do Conde de Assumar até o ano de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro Governador positivo das Minas, porque nele



se separou a Capitania de São Paulo em governo à parte, ficando os Generais respectivos só com sujeição aos ViceReis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ouro Preto, com assistência da Câmara, em 18 de agosto de 1721.

A D. Lourenço de Almeida sucedeu o Conde das Galveas, André de Melo e Castro, que tomou posse em o 10 de setembro de 1732, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

O Conde das Galveas deu posse a Gomes Freire de Andrada, em 26 de março de 1735.

Mediaram alguns governos, como foi o de Martinho de Mendonça Pina e Melo na ida que fez o dito Conde de Bobadela ao Rio de Janeiro, em 15 de março de 1736; foi outra vez levantado o pleito de homenagem em 26 de dezembro de 1737.

Pelos tempos em que se deteve no Uruguai com a Real Comissão do Tratado de Limites, substituiu seu irmão José Antônio Freire de Andrada, Conde atual de Bobadela, o governo das Minas. Iguamente falecendo em o 1.º de janeiro de 1763, se praticou a via de sucessão no Exmo. Bispo D. Frei Antônio do Desterro, e nos mais chamados por ela, te que no ano de 1763, em 28 de dezembro, entrou no governo o General Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador, enchendo de merecimento os dias do seu governo, deu a posse ao Exmo. Conde de Valadares, em 16 de julho de 1768.

\*

\* \*

Descobrimto das esmeraldas, de que se faz  
menção no Canto Oitavo

DA o AUTOR uma idéia deste descobrimto, conforme o que leu em um Poema manuscrito de Diogo Grasson Tinoco, feito no ano de 1689; e mostra quanto trabalhou nesta empresa Fernão Dias Paes, natural de São Paulo.

A 27 de setembro de 1664, cometeu o Senhor Rei D. Afonso VI a Agostinho Barbalho a empresa do descobrimto das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste

negócio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor a Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já era bem conhecida naquela Corte, na qual lhe ordenava desse todo o socorro necessário para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espírito generoso de Fernão Dias Paes, como se pode coligir da presteza com que satisfez as primeiras ordens que nela se continham, e bem o refere Diogo Grasson na oitava 27 do seu panagírico ao mesmo Fernão Dias.

Lendo-a Fernão, achou que El-Rei mandava  
Dar-lhe ajuda, e favor para esta empresa,  
E em juntar mantimentos se empenhava  
Com zelo liberal, rara grandeza;  
Mas porque exausta a terra então se achava,  
E convinha o socorro ir com presteza,  
Mandou-lhe só cem negros carregados  
À custa de seus bens, e seus cuidados.

Depois de passados alguns anos, tempo em que já estava no Trono o Senhor D. Pedro ii, sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiveram efeito as ordens que trouxera, se quis encarregar voluntariamente da execução delas, escrevendo primeiro a Afonso Furtado de Mendonça, Governador que era então daqueles Estados, e tinha a sua residência na Bahia, oferecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens: mandou-lhe Afonso Furtado uma patente de primeiro Chefe daquela empresa aos 30 de abril de 1672. Nos princípios do ano de 1673 se pôs Fernão Dias em marcha com vários parentes e amigos seus, demandando a altura em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja diligência sofreu trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na oitava 35.

Parte enfim para os serros pretendidos,  
Deixando a Pátria transformada em fontes,  
Por termos nunca usados, nem sabidos,  
Cortando matos, e arrasando montes;  
Os rios vadeando mais temidos  
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,  
Sofrendo calmas, padecendo frios  
Por montes, campos, serras, vales, rios.

Desta sorte chegou à paragem chamada pelos naturais Anhonhecanhuva, que quer dizer água que se some, e entre nós tem o nome de sumidouro. Aqui se deteve Fernão Dias por espaço de quatro anos com pouca diferença, e fez várias entradas no Sobra Bussu, que val o mesmo que cousa felpuda, e é uma serra de altura

desmarcada, que está vizinha ao Sumidouro, a qual chamam todos hoje Comarca do Sabará. Nela achou diversa qualidade de pedras, que por falta de prática se lhes não soube dar o valor de que talvez eram dignas. Da demora que aqui teve Fernão Dias, e do muito que aqui sofreu, teve origem a discórdia entre muitos dos seus companheiros, pois quase todos conspiraram contra a sua vida, e por último o deixaram só.

Vendo-se Fernão Dias neste desamparo, não esmorece, antes entra a cuidar na brevidade da sua derrota, com ânimo de buscar a endireitura chamada Vupabussu, que soa na nossa língua lago grande, e junto deste é que se supunham os socavões das esmeraldas. Achava-se Fernão Dias falto do necessário para adiantar o giro desta expedição. Escreve à Pátria e ordena à mulher não se lhe negue cousa alguma do que pede. Assim o diz a oitava 4 do seu elogio.

Isto suposto, já para a jornada  
Manda à Pátria buscar quanto a seu cargo  
Incumbe, pois que a fábrica guiada  
Destruída se vê do tempo largo.  
Determina à fiel consorte amada  
Que a nada, do que pede, ponha embargo,  
Inda que sejam por tal fim vendidas  
Das filhinas as jóias mais queridas.

Com efeito chegou o postilhão, e trouxe consigo o que Fernão Dias pedia. Puseram-se a caminho e foram percorrendo por uma dilatada montanha, até que chegaram a Tucambira, que quer dizer papo de tucano, e deixando todo este espaço avassalado, partiram para a Itamirindiba, que é rio muito fértil de peixe e significa propriamente pedra pequenina e buliçosa. Aqui pararam por algum tempo, e se proveram de forma que lhes não fosse danosa qualquer invasão do Gentio: ultimamente buscaram o rumo do Norte, te que, depois de atravessarem uma parte dos Sertões incultos, chegaram águas do Vupabussu.

Aqui cuidou Fernão Dias logo em expedir cem bastardos dos que trazia, a fim de examinar a formalidade das terras circunvizinhas a este lago, a ver se achavam algum índio que os informasse melhor do que buscavam. Na verdade não se frustrou de toda esta diligência, porque sobre o cume de uma montanha, vendo os bastardos muita gente daquela que podia dar notícia das pedras pretendidas, investiram a ela, e apenas seguraram um que, sendo trazido à presença de Fernão Dias, mandou este que com toda a humanidade fosse tratado entre os seus. Era ele de um ânimo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitava 61.

Era o Silvestre moço valeroso,

Sobre nervudo, de perfidia alheio,  
O gesto respirava um ar brioso,  
Que nunca conhecera o vão receio:  
Pintado de urutu vinha pomposo,  
E o lábio baixo roto pelo meio,  
Com três penas de arara laureado,  
De flechas, de arco e de garrote armado.

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azeredo junto a um serro que corre do Norte para o Sul. Mas quanto não custou a Fernão Dias este descobrimento? Trabalhou sete anos nesta empresa. Foi-lhe preciso muitas vezes romper por todas as resoluções dos seus, que só o aconselhavam se retirasse para Itamirindiba, e deixasse para melhor tempo o descobrimento pretendido, certificando-o de que os matos circunvizinhos a Vupabussu exalavam de si um hálito pestilento, e que toda a sua demora ali não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar à vista de todos os seus soldados um filho bastardo, que mais estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou enfim a ver o que tanto desejava, e fazendo-se na volta de São Paulo, donde era natural, não quis o Céu que ele tivesse a glória de apresentar ao seu Soberano o testemunho do seu zelo e da sua lealdade. Morreu junto ao Guaiaqui, que entre nós vale o mesmo que rio das velhas. Isto é tudo quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas, sem que possamos afirmar o rumo, altura e os graus certos em que foram descobertas estas pedras.

## CANTO I

Cantemos, Musa, a fundação primeira  
Da Capital das Minas, onde inteira  
Se guarda ainda, e vive inda a memória  
Que enche de aplauso de Albuquerque a história.

Tu, pátrio Ribeirão, que em outra idade  
Deste assunto a meu verso, na igualdade  
De um épico transporte, hoje me inspira  
Mais digno influxo, porque entoe a Lira,  
Por que leve o meu Canto ao clima estranho  
O claro Herói, que sigo e que acompanho:

Faze vizinho ao Tejo, enfim, que eu veja  
Cheias as Ninfas de amorosa inveja.

E vós, honra da Pátria, glória bela  
Da Casa e do Solar de Bobadela,  
Conde feliz, em cujo ilustre peito  
De alta virtude respeitando o efeito,  
O Irmão defunto reviver admiro:  
Afável permiti que eu tente o giro  
Das minhas asas pela glória vossa,  
E entre a série de Heróis louvar-vos possa.

Rotos os mares, e o comércio aberto,  
Já de América o Gênio descoberto  
Tinha ao Rei Lusitano as grandes terras,  
Que o Sul rodeia de escabrosas serras.

O título contavam de Cidades  
Pernambuco, Bahia; e as crueldades  
Dos índios superadas, já se via  
O Rio de Janeiro, que fazia  
Escala às Naus: buscando o continente  
De Paulo, uma conquista está patente,  
Que aos Portugueses com feliz agoiro  
Prometia o diamante, a prata, o ouro.

O arbítrio de um só braço moderava.  
Toda a Capitania; e projetava  
Albuquerque, que a gente ao Cetro alista,  
Fazer mais dilatada esta conquista.

Da notícia de alguns tinha alcançado  
(E muito mais na idéia está gravado  
O profético anúncio) que faria  
Grande serviço ao Rei, se a Serrania  
Vencesse, e além passasse, e visse a testa  
Do soberbo Itamonte: manifesta

A estrada se lhe mostra, e um Gênio esperto  
O guia a ver da empresa o fim mais certo.

Tornando à margem de um soberbo Rio,  
Já se alojava o Herói, e do sombrio  
Amparo de umas árvores, enquanto  
Vagava a comitiva, ao doce encanto  
Do murmúrio das águas e do vento,  
Dando aos membros suave acolhimento,  
O leve sono lhe deitava as asas.  
Tecia débil cana as moles casas,  
Em que apenas descansa algum rendido  
Da fatigada marcha; ali ferido  
De uma estranha paixão, que n'alma alenta,  
Ao lado está do General; sustenta  
O brioso Garcia o ofício inteiro  
De súdito, de amigo e companheiro.

Rende-se ao sono o Herói, e ao anelante  
Pulsar do peito, observa o vigilante  
Mancebo que o combate aflita luta  
No horror da fantasia; um ai lhe escuta,  
Que ansioso respira; outro mais vivo  
Lhe percebe no assalto sucessivo;  
E ao ver que estende duramente os braços,  
Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços  
Do funesto letargo: Ai! caro amigo  
(Lhe diz o Herói), não temas, eu prossigo,  
Se é que o espanto e o terror, que n'alma provo,  
Me dão para falar-te alento novo.  
Neste instante (ai de mim!), ou fosse imagem  
Que há muito me oprimia, ou que a passagem  
Deste Rio me ofereça agouro triste,  
Eu vi (eu inda o vejo, inda me assiste  
Presente aos olhos o medonho objeto!),  
Eu vi que me apartava do projeto  
De penetrar estes Sertões escuros

O grande Dom Rodrigo; dos seguros  
Ombros, de que pendera agrave espada,  
Rasga o vestido, e mostra inda manchada  
A carne das feridas, de que o sangue  
Correr se via; eu tremo, e quase exangue  
Desmaio a tanta vista. Ele se avança,  
Da mão me prende, e diz: Em vão se cansa,  
Em vão o vosso Rei, se ver pertende  
Subjugado este povo, que defende  
Com o bárbaro zelo as pátrias Minas;  
Debalde tu também hoje imaginas  
Chegar ao centro delas; eu contemplo  
Mil perigos na empresa; fresco exemplo  
Te dá a minha morte; só te espera  
De gênios brutos pertinácia fera;  
Falta de fé, traições, crimes atrozes  
Só terás de encontrar; se as minhas vozes  
Teu crédito merecem, deixa, evita  
A infame estrada... ; nisto ao ver que grita  
Mais forte e mais medonha a sombra, tremo,  
Pasma, e me assusto, me horrorizo, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)  
A glória não se alcança, não se adorna  
Do louro da virtude o que se nega  
Às árduas diligências; sei que chega  
Vosso zelo e valor ao termo, aonde  
Tudo o que é grande apenas corresponde  
Ao meditado arrojo; mas passado  
É talvez o pior, e já lembrado  
Posso esperar que o mal encha algum dia  
Os corações e as almas de alegria.  
Temos dobrado a grande Serra;  
temos Rompido os matos, onde ver podemos  
As feras e o Gentio que a brenha oculta  
Girar por entre nós: a alma insepulta  
Do morto General a nós nos deva

Vencer do esquecimento a escura treva;  
Busque-se o seu cadáver, e entre os nossos  
Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva,  
Desde o vizinho monte, viva! viva!  
Bradava em altas vozes; cresce o espanto;  
Ambos se admiram; de alarido tanto  
A causa buscam; pouco tempo tarda  
Em recolher-se a dividida guarda,  
Com salvas, e com vivas festejando  
A presa, que já vem apresentando.

Três índias são, que do Pori robusto  
Em resto escapam; todo o corpo adusto  
Mostra que o Sol sobre a nudez queimara,  
E que a ingênita cor de branca e clara  
Tornou um pouco escura; a longa idade  
A todas três enruga a mocidade;  
Curvos os ombros, poucas cãs, os braços  
Murchos e descarnados, mal os passos  
Regem tremendo; breve arrimo fazem  
De tintos paus, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a teia na morada escura  
Do negro Radamanto, outra figura  
Não inculcara mais enorme e triste  
O termo horrendo, que aos mortais assiste.  
Conta Camargo, que o vizinho monte  
Subira com os seus, e que de ponte  
Um madeiro, que o tempo derribara,  
Lhe servira, e por ele além passara,  
Que desde ali por entre as brenhas via  
Uma pequena Aldeia, a quem fazia  
Baixa e comprida choça a cobertura  
Aos queimados Tapuias: desde a altura  
Do monte disparou por meter medo



Um tiro de espingarda; nenhum quedo  
Se deixa então ficar: todos se apressam,  
Fogem, nem mais às flechas se arremessam.  
Desamparado o sítio humilde e pobre,  
Desce ao terreno, e as índias três descobre,  
Que de oprimidas dos cansados anos  
Não puderam fugir, temendo os danos  
Que dos antigos Pais ouvido tinham.

Variamente uns e outros se entretinham  
Em contar o sucesso; e já notava  
Garcia, que nas índias se firmava,  
Que uma delas com gesto mais sereno  
Punha nele os [seus olhos]; por aceno  
Observa, mais que explica, que o conhece;  
Da língua portuguesa lhe parece  
Que entende; e mais se assombra o bom Garcia  
Ao ver como em um dedo ela prendia  
Uma memória de ouro; a jóia observa;  
Cala-se, e a melhor tempo o mais reserva,  
Expressando em um ai, que d'alma exala,  
O mais, que por então sepulta e cala.

Recolhidos a um tempo os companheiros,  
Junto aos troncos, nas grutas dos outeiros  
Se armam as mesas; de viandas servem  
A mortas caças, que nos cobres fervem:  
As aves, que do chumbo o globo estreito  
Feriu nas asas, e rompeu o peito;  
O veado, a que o índio na carreira  
Seguiu, e a seta disparou ligeira;  
Não falta o louro mel da abelha astuta,  
O grelo da palmeira, e a tosca fruta,  
Que alguma árvore brota ali nascida,  
Por menos venenosa conhecida,  
Enquanto os brutos animais a comem  
(Tanto dos brutos aprendera o homem!).

Tornando às praias da infeliz Cartago  
O triste resto do troiano estrago,  
Tal se consola na fatal ruína,  
Que pode a Musa celebrar latina.

Longe de Europa os provimentos ficam,  
Nem os fortes cavalos, que se aplicam  
À condução dos víveres, se atrevem  
A romper os caminhos; mal se devem  
Pequenas cargas aos robustos ombros  
Dos domésticos índios: se os assombros  
Desperta em vós esta fatal penúria,  
Ó Generais da Europa, nobre injúria  
Concebe o meu Herói; ali sentado  
Entre os mais companheiros, rodeado  
Sem distinção alguma, ou já na mesa,  
No leito, ou no quartel, ou junto à acesa  
Chama, em que esperam reparar o frio,  
Tem toda a autoridade, todo o brio  
Posto no zelo só, na vigilância,  
Com que prova os esforços da constância,  
Esquecido de si e da grandeza,  
Por ver o fim da cometida empresa.

## CANTO II

Caía a noite, e apenas cintilava  
No Céu alguma estrela; ao chão baixava  
Escassamente a luz, que Cíntia fria  
Mal distinta espalhava entre a sombria  
Rama da espessa mata e duros troncos.  
Não se ouvem mais que os formidáveis roncoss  
De aves noturnas, e famintas feras.

Só tu, Garcia amante, consideras  
Oportuna a teus ais a estação triste;  
Amor, que ardendo no teu peito assiste,  
Vai buscar o remédio a seu cuidado;  
Ele te guia e leva disfarçado  
À choça que às três índias deu abrigo.  
Oh! quanto louvas o silêncio amigo,  
Quanto o sono dos mais! Chega, repara  
Na velha aflita, que a choupana avara  
Apenas cobre com a palha agreste;  
A leve cana, que as montanhas veste,  
Já seca ao sol se acende, e a luz ministra  
Com que uma a uma as índias três registra.  
Na língua nacional, que não ignora,  
Saúda, e neste instante a Mãe de Aurora  
Conhece; Aurora, a bela prisioneira  
Que houve da mão de Arzão, que co'a primeira  
Medalha de ouro ele prendara; cresce  
De novo a admiração, e se oferece  
A Índia a dar-lhe relação da filha.

Se o ver-me neste estado é maravilha,  
b Garcia, lhe diz, humilde e nua,  
Eu sou Neágua, eu sou a escrava tua.  
Muitas luas, me lembro, têm passado,  
Desde quando dos vossos atacado  
Foi meu esposo Caribó: seguidos  
Vínheis de muitos arcos, socorridos  
Do Coroa, do Paraci valente:  
Assaltastes de noite a nossa gente,  
E mortos os mais destros na peleja,  
Fosse rigor do Céu, ou fosse inveja  
Da Fortuna, eu, que a Aldeia governava,  
Passei com minha filha a ser escrava.

Era ela em seus anos tão mimosa,  
Que à vista sua desmaiava a rosa,

Seus olhos claros, as pupilas belas,  
Oh! quantas vezes cri que eram estrelas!  
Não tinham nossos campos, nem o prado  
Planta mais tenra, flor de mais agrado;  
Enfim, porque de vós as cores tome,  
De Aurora os vossos lhe dão hoje o nome.

Vagando estes sertões na companhia  
Dos vossos, eu me lembro como um dia,  
A preço do metal, que desprezamos,  
Vós nos comprastes; ainda nos lembramos  
Do mimo do agasalho que fizestes,  
Quando na vossa casa recolhestes  
A mim e a minha Aurora: esta memória  
Desperte toda em vós a antiga história,

Como? Por que arte? Por que modo fora  
Trazida dentre os seus? A sua Aurora,  
Se a seguira também? Se vive? E aonde?  
Garcia lhe pergunta; ela responde:  
Senhor, eu creio que inda vive  
A minha e vossa Aurora: dela tive  
Notícia há pouco tempo; um desses bravos,  
Que o nosso bom Pori tem feito escravos,  
Me contou como lá na sua Aldeia,  
Que não longe é de nós, ela passeia,  
Do Cacique estimada; ele contente  
A busca esposa, e ela o não consente.

Mas por que quereis vós da minha boca  
Ouvir todo o sucesso? Só me toca  
Referir uma parte, que outra ignoro.  
Lá na domada Aldeia, onde sonoro  
Se vê correr o Paraíba, postas  
Fomos por vosso mando: ali dispostas  
A viver de outras leis, outros costumes  
Detestávamos já dos nossos Numes

(Se alguns Deuses talvez nós conhecemos  
Na bruta liberdade em que vivemos),  
O culto, a religião; já divertidas  
No curvo anzol, nas redes bem tecidas  
Armávamos ao peixe; sobre o rio  
Nos viu um dia o bárbaro Gentio,  
Que em pequenas canoas rouba e mata;  
Fugíramos talvez, mas o pirata  
Nos surpreende e conduz: vimos cativas  
A viver entre os seus, e apenas vivas  
De povo em povo nos transportam; fico  
Co'a nação do Pori, e passa o rico  
Tesouro de uma filha, que inda choro,  
Ao crespo Monaxós; qual fosse, ignoro,  
O triste resto do fatal destino.  
Dos braços ma arrancaram: de ouro fino,  
Ao despedir-se terna a Filha amada,  
Com esta jóia então me quer prendada.  
Se pois de Aurora o caso vos incita  
À compaixão, se em vosso peito habita  
O antigo amor, fazei que a liberdade  
Se dê a quem desperta esta saudade;  
Esse vizinho povo ao fogo, ao ferro  
Abatei, destruí: pague o seu erro;  
E alegre eu veja em vossa companhia  
A vossa Aurora, que ao meu lado via.  
Absorto está Garcia; do que escuta,  
Apenas deixa ver a face enxuta;  
De Aurora o caso o tem sobressaltado,  
Quer para logo dar a seu cuidado  
O desafogo da cruel vingança;  
Mas bem que o lisonjeie inda a esperança  
De ver a bela Indiana, a incerta sorte  
Lha pinta, antes que viva, entregue à morte.  
Baixel, que sobre o Egeu de mil procelas  
Combatido se viu, rotas as velas,  
Não soçobra talvez mais duvidoso

Ao grave Noto, ao Euro tormentoso.  
Farei... clamava; e eis que interrompido  
Foi de um aviso, com que o Herói erguido  
Chama a Conselho os companheiros todos.  
Se combatidos por diversos modos,  
Diz Albuquerque, de trabalhos tantos,  
Entre estas penhas só despertam prantos  
As memórias da morte de Rodrigo,  
Deixemos este assento; o sonho antigo  
Tenho de descobrir-vos, com que a idéia  
Igualmente me aflige e me recreia.  
Lembrados estareis que há mais de um ano  
Vos fiz saber que o nosso Soberano,  
Que dos quatro Joões o nome e glória  
Herdou para triunfo da memória,  
Vendo ao Norte da terra povoada,  
Que atrás deixamos na primeira entrada,  
Que fazem vossos Pais, achar-se o ouro  
À custa me ordenou do seu Tesouro,  
Que entrasse ao centro dos Sertões, buscasse  
As novas minas, e que examinasse  
As margens, onde em vão tomaram porto  
Fernando, Artur e Dom Rodrigo, o morto.  
Cheio deste projeto eu vejo um dia  
Que um rochedo fatal, a quem a fria  
Neve branqueja a descalvada testa,  
Com medonha carranca me protesta  
Não passe a descobrir o seu segredo;  
Avizinho-me a ele e rompo o medo:  
Quem és, pergunto, que ignorado encanto  
Se esconde em ti? Ele me torna entanto:

"Eu sou dos filhos que abortara a Terra,  
E fiz com meus Irmãos aos Deuses guerra  
(Tu, negro Adamastor, hoje em memória  
Me obrigas a trazer a tua história).  
Meu caso um dia o Fado te destina

Que escutes inda pela voz de Eulina,  
No centro vivo dos Sertões, que apenas  
Tocam das aves as ligeiras penas;  
De feios monstros grande cópia habita  
Meu triste seio; ali se deposita  
Tudo quanto de grande, novo e raro  
O Cetro Lusitano fará claro.  
Ali... mas tudo aos olhos patenteio.”  
Disse, e deixando ver o escuro seio,  
De uma pequena lágrima, que a penha  
Derrama das entranhas, se despenha  
Gota a gota um ribeiro; logo a raia  
De ambas margens excede e já se espraia,  
Separado do berço na campina.  
Um murmúrio sonoro só de Eulina  
Repete o nome; a maravilha estranha  
Inda mais se adianta; ao longe apanha  
Uma Ninfa na areia as porções de ouro,  
Com que esmalta o cabelo e o torna louro.

A margem deste rio povoada  
Vejo da portuguesa gente amada,  
Toda entregue à solícita porfia,  
Com que o rico metal da terra fria  
Vai buscar a ambição: vejo de um lado  
Erguer-se uma Cidade, e situado  
Junto ao monte, que um vale aos pés estende,  
Vejo um Povo também: tudo surprende,  
Tudo encanta a minha alma, estou detido  
No fantástico objeto. Eis que um gemido  
Arranca desde o seio o monstro escuro,  
E diz: "Entre as imagens do futuro  
Talvez te espera... mas... " e nisto em nada  
Se torna toda a máquina ideada;  
Desfez-se a Penha, a Ninfa e o Ribeiro,  
Solto dos olhos o sopor grosseiro.

Não de outra sorte no último horizonte  
Ao sepultar-se o Sol, lá desde um monte  
Podem ver-se as imagens diferentes  
Às refrações da luz: estão presentes  
Bosques, cidades, ruas e castelos,  
Que os raios em distintos paralelos  
Talvez figuram; despertando a Aurora,  
Desaparece a sombra enganadora.

O sonho muitas vezes repetido,  
Desde que tenho a idéia concebido  
De entrar para estas Minas, me figura  
Um mistério na sombra e na pintura.  
Vós, que por tantas vezes discorrido  
Tendes estes Sertões, tereis ouvido ,  
O nome de Itamonte; esta lembrança,  
Este sinal só tenho de esperança;  
Talvez tomando o cume desta Serra,  
Acharemos um dia o Rio, a Terra,  
A Ninfa e os mais portentos, donde tome,  
Dos tesouros que espero, a Vila, o nome.

Calou-se o General, e qual murmura  
Uma abelha, e mais outra, quando a pura  
Substância chupam das mimosas flores,  
Assim, não de outra sorte, entre os rumores  
Do inquieto coração, estão falando  
Entre si cada um, e estão pensando;  
Rompe o silêncio o pródigo Faria:  
Eu dos primeiros fui, eu fui, dizia,  
Dos primeiros que o berço abandonado  
Deixei, mais do fervor estimulado  
De reduzir os Índios à justiça  
Da nossa religião, que da cobiça.  
Entre estes países e inda noto  
Em cada tronco os pousos onde, roto  
O vestido, tentei passando avante



O giro dos Sertões; de bem distante  
Parte dos grossos matos descobria  
Uma elevada e tosca penedia,  
A quem coroa um pico a altiva frente.  
Demandei esta rocha, e do eminente  
De toda ela um ribeiro vi que nasce,  
Que do Sol recolhendo dentro a face  
Pareceu converter-se todo em ouro.  
Não vou buscar no meu invento o agouro,  
Nem creio que este o Itamonte seja,  
Mas sei que a língua pátria, se deseje  
Explicar sempre em tudo a natureza,  
De Itá nome lhe deu, e na rudeza  
Do Gentio talvez, que hoje alterado,  
O nome Curumim lhe seja dado.

Itá é nome pátrio (diz Garcia,  
Que apenas sua dor n'alma alivia),  
Este o Gentio a toda a pedra estende;  
O esperado Itamonte em vão se entende  
Na confusão das Serras e dos montes,  
Que assombram todos estes horizontes.

Eu também discorrera de outra Serra  
O mesmo que Faria, aonde a guerra  
De feroz Botecudo inda me assusta,  
Mas pouco à conjectura se me ajusta  
Toda a confrontação (disse Camargo).

É deste continente o Sertão largo  
(Dizia Bueno), o Lago, a Serra, o Rio,  
Espalhado por tudo o infiel Gentio,  
Não deixam à notícia cousa certa,  
Onde possa entender-se descoberta  
A terra que buscamos. Nela intento  
(Albuquerque tornava) o fundamento  
Erguer da Capital; de penha empenha

Andarei, se a Fortuna o não desdenha,  
Té descobrir o Monte e o Rio, aonde  
Tão grande maravilha o Céu me esconde.  
Prosseguira o Herói, mas o embaraça  
Descobrir desde longe a vista escassa  
Brioso Cavaleiro, que seguido  
Vem de um forte esquadrão do índio vencido;  
Soa alegre o clarim, que a marcha guia,  
A salva amiudada ao ar se envia;  
E enquanto de Garcia o Herói se informa  
Do novo Aventureiro, posta em forma  
Cada uma das nações, que traz consigo,  
Um e outro se encontra ao doce amigo,  
Prontos os servos a estribeira pegam,  
E ele se apeia e abraça aos que se chegam.

### CANTO III

As paixões acalmara de Garcia  
A chegada do Borba, e suspendia  
Ela mesma a partida de Albuquerque.  
Sem que temor algum lhe oprima, ou cerque  
O nobre coração, na tenda entrava,  
E cortejando o Herói, assim falava:

Terás ouvido, ó General famoso,  
Variamente o meu caso; e duvidoso  
Talvez estás da fé, que guardo atento  
Ao meu Rei em sinal do juramento.  
Acusado por cúmplice na morte  
Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,  
Mais que o delito meu, desculpar venho;  
Sem adorno o sucesso agora tenho  
De dizer- te; e verás, hoje informado,  
Que sou mais infeliz do que culpado.

Pouco mais de três léguas em distância  
Deste sítio me via, quando a instâncias  
Do novo General, que aqui chegava,  
A voz de um mensageiro me ordenava  
Entregasse os socorros prevenidos  
Da pólvora e do chumbo e os cometidos  
À minha guarda prontos instrumentos  
Do ferro e do aço: oponho a seus intentos  
A razão que me assiste; e enfim me escuso,  
Dizendo que das ordens não abuso  
Do meu fiel Parente, a quem espero  
A cada instante, e perto considero  
De entrar comigo a registrar as faldas  
Das montanhas e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta  
O importuno ministro, e já se solta  
Contra mim declarada toda a fúria  
Dos vis adutores: por injúria  
Reputam toda aquela resistência,  
E protestam que aos braços da violência  
Há de ceder a repugnância minha.  
Um e outro se oferece, mas detinha  
Ao prudente Fidalgo o árduo projeto  
Da brandura e da paz; o nobre objeto  
Do serviço do Rei a mim o guia;  
Em pessoa aparece, e me seria  
Muito fácil ceder, se não houvesse  
Mais forte obrigação, que [me] prendesse.  
Uma e mil vezes represento o empenho,  
Que a duvidar me induz e me detenho  
Irresoluto um pouco (nem atino  
Se obrava nisto a força do destino!);  
Constante era a razão, pois esperando  
As Reais Ordens para a empresa, quando  
Fernão Dias voltasse, não teria

Os provimentos que deixado havia.  
Enfim ele de cólera se acende,  
Nem às minhas desculpas mais atende;  
Enfurece-se, grita e ameaça:  
E eu (ó duro extremo da desgraça!),  
Rendido a todo o lance, só procuro  
Mitigar-lhe o rancor; um braço duro,  
Sacrílego, insolente, infame, ousado,  
Sem que eu presuma o bárbaro atentado,  
Se arroja dentre os meus; dispara um tiro,  
E a alma envolta no mortal suspiro  
Voou, deixando a mágoa em que me vejo,  
Para salvar a vida, a honra e o pejo.  
A notícia do caso acende a ira  
Em todos os que o seguem; já conspira  
Em meu dano o parente e mais o amigo;  
Querem vingar a morte de Rodrigo;  
Em vão lhes serve de reparo ou freio,  
A inocência em que estou; medito um meio  
De salvar-me; em esquadras divididas  
Reparto a gente, sobre as mais crescidas  
Montanhas, de onde fossem descobertas.

As estradas ao longe em parte abertas  
Davam já vista aos ímpios conjurados,  
Quando os tambores e os clarins tocados  
Em vários sítios amotinam tudo:  
Cresce o temor ao meditado estudo,  
E crêem que era chegada Fernão Dias.  
Amparado do engano, as Serras frias  
Destes Sertões dobrei; passo a corrente  
De um grande Rio, e a margem florescente  
Piso, apenas de alguns acompanhado;  
Aqui descubro um plano dilatado,  
Cômodo à criação; nele apascento  
Por muito tempo o gado, e em novo aumento  
Às descobertas Minas já preparo

Na fome e na penúria o bom reparo.

Estes são os serviços com que chego,  
Estes os testemunhos são que alego  
Da inocência em que vivo; os meus parentes,  
Amigos e obrigados, que presentes  
Em grande parte estão, por mim te falem,  
E quando todos por lisonja calem,  
Do teu antecessor terás ouvido  
Quanto servem de informe; e este luzido  
Bastão, dádiva sua (então levanta  
A insígnia militar), é prova tanta,  
Que sobra a escurecer qualquer suspeita  
Que ao mesmo Rei pudesse ser aceita.

Dizia; e sempre grave e sempre airoso,  
Deixava ver no rosto generoso  
O espírito magnânimo que o alenta.  
O Herói, que sem mudança se contenta  
De ouvir todo o sucesso por inteiro,  
Suave acolhe ao nobre Aventureiro,  
E dando-lhe mil mostras de amizade,  
De ordem do mesmo Rei o persuade  
A que viva seguro do delito;  
Informa-se do sítio e do distrito  
Em que está, e o convida para a empresa,  
E por ele pertende haver certeza  
Da serra que demanda, onde fundada  
Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providências  
Se detém alguns dias, e as urgências  
Do estéril sítio apenas socorridas  
Eram de algumas caças, que trazidas  
Vinham dos índios menos assustados  
Co'a chegada dos mais, que estão listados  
À comandância do Hóspede: entre vários

Da nação Monaxós, que voluntários  
Ao Herói visitavam, se encontrava  
Um mancebo gentil, a quem cercava  
Branco penacho a testa; os braços cinge  
De amarela plumagem; bravo o finge  
A tinta do urucu: a cor, nem preta,  
Nem branca por extremo, mas que afeta  
Do gelado Samiúte o estranho gesto;  
Pouco ao braço e ao ombro lhe é molesto  
O arco e a aljava; o rosto, a fala e tudo  
Verte um ar de respeito, ar sem estudo.  
Em vão das flechas a purpúrea arara  
Fugir-lhe espera; em vão na garra avara  
Mosqueado tigre lhe ameaça a morte:  
Empunha o dardo, e valeroso e forte  
O faz despojo do robusto braço,  
A fere, e corta no vazio espaço.

De impulso por então não conhecido,  
O índio, a quem Amor tinha ferido,  
Se deixava arrastar, e praticando  
Tudo quanto a paixão lhe está ditando,  
Do valor de seu braço ele confia  
Roubar traidor a vida de Garcia.  
Protegido da noute, às horas quando  
Jaziam todos, n'ũa mão tomando  
Uma faca e em outra o dardo agudo,  
Por tudo olhando e precavendo tudo,  
A tenda busca do saudoso amante;  
A luz lhe rege o passo e ao mesmo instante  
Na cama o tenta e lhe prepara a morte.  
Houve uma vez de ser propícia a sorte,  
Que não dorme Garcia e sente o ruído;  
Ergue-se; toma a espada e acometido  
Se vê apenas, quando reparada  
A ferida do dardo, mete a espada  
Por um lado ao traidor, em sangue envolta

A tira e a mão suspende; a um tempo solta,  
A corrente de sangue inunda a terra;  
O índio semivivo os dentes ferra,  
Acena de morrer, e grita, e brada  
Em roucas vozes, com que amotinada  
Tem toda a gente, que ao sucesso acode.  
Debalde a conjectura alcançar pode  
O mesmo, que está vendo; estranho e oculto  
É o motivo do aleivoso insulto.  
Faminto lobo no redil fechado  
Assim receoso entrou; mas acossado  
Do molosso feroz, foi de repente  
Cair despojo ao sanguinoso dente.

Conhecendo Albuquerque, que respira  
Inda vivo, a um dos pousos o retira,  
E lhe põe sentinelas; manda entanto  
Se lhe apliquem remédios: o óleo Santo,  
Que ministra de Bueno a mão experta,  
Estanca o sangue, e da ferida aberta  
Cerrando a boca, inda a esperança anima  
De que a morte de todo o não oprima.

#### CANTO IV

A continuar a marcha se dispunha  
O Herói, que um vivo zelo testemunha  
Em todos que os seguem; repartidos  
Aqueles a quem são mais conhecidos  
Os Sertões, pela margem se espalhavam  
À direita do Rio e se empregavam  
Em socavar a terra, em diligência  
Do metal de que têm verde experiência.

Tinha Pegado adiantado o passo  
Algun tanto dos mais, e o corpo lasso  
Junto a um lago, que sobre uma campina  
Se espraia e quebra as ondas, brando inclina,  
Procurando em um tronco em parte encosto  
Ao ombro, e alívio à cabeça, e rosto.  
Estende-se na areia e reclinado  
Se vê apenas, quando (oh! inesperado  
Prodígio, que o surpreende!) eis que mover-se  
Pouco a pouco se admira, ora estender-se,  
Ora encurvar-se o formidável tronco.  
Levanta-se assustado e logo um ronco  
Ouve medonho, que de todo o rende;  
A causa do prodígio não entende,  
Não pensa, não discorre o bom Pegado;  
Grita aos índios atônito, pasmado,  
E o tronco então com raptó mais furioso  
Se arroja desde a praia e busca ansioso  
Sepultar-se no lago, o seio abrindo  
Das águas, que co'a cauda vai ferindo.  
Não de outra sorte sobre os grossos mares,  
Que do Antártico Céu cobrem os ares,  
De mergulho se vê buscar a areia  
O pardo e negro monstro da baleia,  
Quando do arpão do pescador ferida  
Tinge as ondas de sangue e, submergida,  
Ao fundo leva a barbatana dura.

Vêm os índios chegando, e entre a escura  
Sombra do lago inda estão vendo o rasto  
Da fera, que conhecem; tanto ao pasto  
Da presa que avistou Leão não corre,  
Como um e outro Tape se socorre  
Dos pés nadantes, e nas mãos levando  
O pronto ferro, o tronco vão rasgando  
Co'as cortadoras facas; já de todo  
Boiando o fazem vir; por arte e modo



Não pensado o arrojam sobre a praia.  
De curioso ardor cada um se ensaia  
Em arrancar-lhe das entranhas tudo  
Quanto a fome tragara; absorto e mudo,  
Pegado está notando a maravilha.  
Três veados comera, enquanto trilha  
A margem da lagoa; estão inteiros  
No ventre e ainda em pêlo os dous primeiros.  
Riem-se os índios de Pegado, e o riso  
Tem ao Mancebo então mais indeciso,  
Vendo que novo ali não conhecera  
Que é o Sucuriú aquela fera,  
De quem ouvido aos nacionais havia  
Que um tronco na grandeza parecia.

Mas não foi tão debalde este portento,  
Que olhando para o sítio, aonde assento  
Fizera o monstro, o chão não descobrisse  
Inda mal apagado, e não se visse  
Um vestígio de humana sepultura.  
Manda cavar Pegado a terra dura,  
E dentro (oh! pasmo!) os ossos encontrava  
De um cadáver, a quem assinalava  
A cruz que tem de Cristo e lhe servira  
De hábito, ou mortalha; então se admira  
Mais cada um; e aviso ao Herói dando,  
Todos ao mesmo passo vão cercando  
Em roda a sepultura: Borba chega,  
Afirma que é Rodrigo e logo alega  
Como dos índios seus à pressa fora  
Sepultado, fugindo os mais; e agora  
Reconhece o sinal na Cruz bendita,  
O autêntico padrão mais acredita  
Vizinho um tronco, à mão cortado, aonde  
De ordem do mesmo Borba corresponde  
Outra Cruz à memória deste ofício.  
Celebrou-se o devoto sacrifício

Junto ao sepulcro; e as últimas piedades,  
Pela mão de Faria, as saudades  
Temperaram do Morto, consoladas  
As memórias de sangue inda banhadas.  
Urnas fastosas, que cobris no Egito  
Heróis famosos, sobre vós escrito  
Viva embora o epitáfio, que em memória  
Dos Ptolomeus inda respira a glória!  
Sobra ao bom General, sobra a Rodrigo  
Da nua areia o mísero jazigo;  
A vida pelo Rei sacrificada  
Basta a deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objeto se cansava  
O Herói, e já partir dali pensava,  
Mas o deteve e lhe cortou o passo,  
Convalescido da ferida, Argasso  
(Este era o nome do índio); em companhia  
Vinha da sentinela, a quem pedia  
Que à presença do Herói o conduzisse;  
Como acaso a seu lado então não visse  
A Garcia, falou mais animado:  
De traidor e aleivoso sou culpado,  
Magnânimo Albuquerque; ouve-me, atende,  
Saberás que o meu braço não te ofende,  
Nem se conspira contra os teus; a dura  
Condição de uma bárbara, que jura  
Não ser minha, apesar dos meus desvelos,  
Meu coração encheu tanto de zelos,  
Que imaginei na morte de Garcia  
Vingar o meu desprezo, e a tirania  
Castigar do meu bem: fui desgraçado,  
Inda não me arrependo do passado.

Albuquerque lhe diz que exponha a história  
De seu furioso amor e que em memória  
Traga todo o sucesso; ele, mordendo

Raivoso os beijos e mil ais vertendo,  
Não posso, diz, não posso em tudo ou parte  
Dizer-te o que padeço; o esforço, a arte  
Vos sobra a vós; em mim obra a rudeza,  
Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bela Indiana, a linda Aurora,  
Que não daqui muito distante mora:  
Prisioneira em meu braço a vim trazendo  
Lá desde o Paraíba, e discorrendo  
Que entre os meus Monaxós se renderia,  
Só o nome lhe lembra de Garcia.  
Neágua, a Mãe, desde o Pori roubada,  
Conheceu-me e me informa da chegada  
Deste bom Cavalheiro; não sabia  
Que o meu curioso ardor se dirigia  
A mais árduo projeto; tento a morte,  
E em despojo cuidei do braço forte  
Por triunfo levar à minha amada  
A cabeça do tronco separada.

Assim fala arrogante; o Herói piedoso  
Quer dar provas do peito generoso:  
Chama a Garcia; informa-se do resto,  
E por voz de Neágua é manifesto  
O vário giro da amorosa história.  
Argasso (diz), da portuguesa glória  
Tu não sabes o timbre; a Indiana bela  
Não disputa Garcia, e a tua estrela  
Não queiras contrastar por modo estranho;  
Ele ta cede, eu próprio te acompanho,  
E contigo pertendo ver a Aldeia,  
Onde ela vive e o teu amor te enleia.

Que vós partais, Senhor, eu não consinto,  
Disse Garcia; ao meu valor distinto,  
Ao meu zelo católico era injúria

Saber-se que a conter a minha fúria  
Necessária se fez vossa presença;  
A Argasso desde já perdôo a ofensa,  
E quero que conheça aos Portugueses;  
Com ele partirei, e as suas vezes  
Sustentando ao favor da bela Indiana,  
Farei que ele ditoso, e mais humana  
Ela, se abrasem no gostoso alento  
De um santo, de um perpétuo sacramento.

Fia de mim (ao índio se tornava),  
Que a mesma que já viste minha escrava,  
Há de ver-me a seus pés por ti rogando;  
Nem de ti outro prêmio então demandando  
Mais que em uso melhor convertas logo  
Esse tão louco, como ilustre fogo,  
Que alimentas no peito; serás nosso  
Amigo e não escravo, e quanto eu posso,  
Nobre rival, te digo desde esta hora,  
Neágua é tua, é tua a minha Aurora.

Ó tu, Ciro famoso, se pudeste  
Eternizar teu nome, quando deste  
A formosa Pantéia ao nobre Araspe;  
Se na dádiva bela de Campaspe  
Ao namorado Apeles, glória tanta  
Te adquire, ó Macedônio, a voz que canta  
Teu nome inda por toda a redondeza,  
Vê quanto mais se avança esta grandeza,  
Com que de uma paixão a rebeldia  
Doma, e castiga o esplêndido Garcia.

Convém o Herói e espera que domado  
O Monaxós, e à Religião chamado  
Se veja por tal modo; do projeto  
Se faz parcial Faria; turvo o aspecto  
O Índio tem a tanta ação, nem sabe

Como no coração de um homem cabe  
Subjugar tão valente a paixão dura,  
Que inspira amor. Neágua se procura  
Unir à companhia; as outras ficam  
Entregues ao favor dos que se aplicam  
A povoar entanto aquela margem.  
Despedem-se; e Albuquerque, pela vargem  
Que ali se estende, a marcha ao centro guia;  
De Borba tendo pronta a companhia,  
E dos mais, parte em tropas do Gentio,  
E das Velhas o nome impõe ao Rio.

## CANTO V

Magnífica, esquisita arquitetura  
De um templo guarda o abismo, onde a figura  
Ao preço da matéria corresponde;  
Lá no mais fundo dos altares, onde  
Arde em perpétuo fumo o rendimento,  
Tem o Interesse seu dourado assento.  
Este ídolo fatal, que se alimenta  
De humano sangue, um monstro representa  
Armado sempre em guerra, cobre o peito  
Três vezes de aço, e tem o braço feito  
Ao furor, aos estragos e à ruína;  
Tinto em sangue um punhal a mão fulmina,  
E enterrando em um globo a aguda ponta  
Pareceu intentar por nova afronta  
Cravar o coração de todo o mundo;  
Indignou-se, e do seio mais profundo  
Suspirou esta vez; e conhecendo

Que do calvo Itamonte o aspecto horrendo  
De um pânico terror ao longo ameaço

Não bastava a cortar do Herói o passo;  
Que ao fim se dirigia a ilustre empresa  
E que em breve há de ver posta em certeza  
Toda a idéa do sonho concebido;  
De todo agora em cólera acendido  
Se empenha a embaraçar o alto projeto  
Do magnânimo Chefe; toma o aspecto  
De um Frade (quem o crera!), que influíra  
Nas primeiras desordens e que vira  
Dos nacionais sinceros o destroço:  
Este em tratos ilícitos um grosso  
Cabedal ajuntara, tendo a idéa  
De vender por estanco` o que franqueia  
O liberal despego dos paisanos.

Meditando traições, tecendo enganos,  
Firmado no caráter o respeito,  
Aparecia o indigno; e tendo feito  
Já parciais de seu ânimo alguns poucos,  
Assim lhes fala: Ó Europeus, que loucos  
Às portas esperais vossa ruína!  
Credes que esta inação é de vós digna?  
Assim vos vejo estar com gesto manso,  
Quando a desconcertar vosso descanso  
Corre armado o furor de um braço forte?  
Desconheceis acaso que outra sorte,  
Outra fortuna vos espera, vindo  
Tão próximo Albuquerque, a quem seguindo  
Vem o infame tumulto dos Paulistas,  
Que aspiram senhorear estas conquistas?  
Já vos não lembra o meditado empenho  
De evitar as justiças, e o despenho  
Patrocinar dos novos atentados  
No refúgio aos países retirados  
Que domina o Espanhol? Tanto afortuna  
Abandonais na máxima oportuna  
De nos enchermos dos preciosos frutos

Que guarda a Terra, e dos Reais Tributos  
Fugir à imposição? Credes que venha  
A outra cousa, e outro projeto tenha  
Mais que roubar-nos as fazendas nossas,  
Ganhadas a tal preço, que inda as grossas  
Correntes desses rios se estão vendo  
Turvas de sangue? O ímpeto tremendo  
Não trazeis em memória dos tiranos,  
Que fundados no timbre de paisanos,  
Mais escravos que amigos nos queriam?  
Não vos lembra os insultos que faziam?  
Não vos lembra quem foi, quem é Pedroso?  
Ignorais que no cerco duvidoso  
Perto estivemos de perder as vidas,  
Se por meio de Antunes conseguidas  
Não fossem por então nossas idéias?  
Ignorais que as montanhas estão cheias  
Destes perturbadores, desde quando,  
Arbitrária e fantástica ordem dando  
Em o nome do Rei, os compelimos  
A largar-nos as armas com que os vimos?  
Se do auxílio do Grande se aproveitam,  
Se a sua fé, se o seu favor aceitam  
(Como é crível que o façam), que destino  
Tão triste para nós! Eu imagino  
Que não sois Europeus: a vossa glória  
Acabou de uma vez para a memória.  
Virá, eu vejo, o Montanhês tirano,  
Roubará nossos bens, irá ufano  
Contar aos nacionais seu vencimento;  
Albuquerque, eu o vejo, em nobre aumento  
Fará brilhar a Lusa Monarquia;  
Nós lhe daremos nova glória um dia.  
Eia, Europeus briosos, eia amigos,  
Vejam-se os ódios respirar antigos.  
Torne, torne de nós a ser lembrada  
De Dom Fernando a fresca retirada;

Venha em memória de Rodrigo o caso;  
E ou em falsa traição, ou campo raso  
Ataque-se Albuquerque, fuja e leve  
De uma vez, pois que a tanto hoje se atreve  
O desengano da ousadia sua.

Assim fala Menezes: continua  
A propagar Conrado o ímpio partido,  
Que de acordo comum têm concebido.  
Derrama-se o veneno e vai chegando  
Aos corações de muitos, avivando  
As imagens da antiga rebeldia.  
Já um número grande concilia  
De atrevidos o Frade: estão dispostos  
A disputar a entrada; ao Herói opostos,  
Se querem sustentar na liberdade;  
Francisco, o vil Francisco os persuade  
A viverem seguros nos protestos  
Firmados com Viana: de funestos  
Agouros ao Paulista se enche tudo.

Eis do sulfúreo pó, do ferro agudo  
Se buscam munições. A arte, o engenho  
(Qual o País permite), o desempenho  
Se propõem da vitória nos tostados  
Paus, de que os duros cafres vêm armados:  
Emboscadas ao longe se preparam;  
Tomam-se os sítios, fortes se declaram  
Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Já de Marte ao furor, campos estreitos,  
Eu ouço em vós soar da guerra o brado,  
A arcada trompa do Indiano ousado  
Enche a terra de horror, de assombro os ares.  
Conta-me, ó Fama, de que estranhos lares,  
De que montes, florestas, vales, rios  
Vistes correr os bárbaros Gentios,



Que o bravo Tutonaque armou de lanças?  
Que socorros são estes, que alianças,  
Que aos Chefes dos rebeldes votos rendem?  
Desde o Sabrabuçu matos se estendem  
Que habita o Pataxós, nação que um dia  
Um Reino, um vasto Reino parecia.  
Tutonaque é quem manda a turba imensa;  
Ele os nutriu no crime e na licença,  
Cheios de raiva e de furor selvagem;  
A seu arco é quem só dão vasselagem;  
De verdes anos a domar valentes  
Da onça as garras, e do tigre os dentes  
Aprenderam talvez; o óleo os tinge  
Do pau silvestre, que inda mais os finge  
À vista horrendos; são caciques deles  
Olinté, Mamigé, Teuco, Tameles,  
Marminton, Quezincoal, Remlo, Kalupa.  
Bárbara esquadra desta gente ocupa  
Toda a falda de um monte; em roda os matos  
Dão abrigo aos rebeldes, que insensatos  
Não pensam mais que em fazer crer a todos  
Que a antiga liberdade por mil modos  
Será turbada, se o bom Chefe os rege.  
Entre nós, diz Francisco, se protege  
A maldade; debaixo deste indulto  
A traição, a vingança, o roubo, o insulto,  
Tudo concorre a nos fazer ditosos.  
Em paz tranqüila a desfrutar gostosos  
Vivemos no País que outro não manda;  
Sem susto o delinqüente entre nós anda;  
Que será quando um braço mais potente  
Arroje do castigo o raio ardente?  
Quando as nossas paixões intime o freio?  
De qualquer desafogo no receio  
Cheios de medo sempre, e sempre indignos,  
Não saberemos contestar malignos  
A oposição dos Montanheses ferros.

Quanto conosco hão deportar-se austeros  
Os Chefes recebidos! Não é novo  
Viver sem leis, e sem domínio um povo;  
Nações inteiras têm calcado a terra  
Sem adorar a mão que o Cetro aferra;  
E tal houve que creu felicidade  
Desconhecer inda a justiça: a idade  
Tem [ ] a humana inteligência  
Para abraçar sem susto o que é violência:  
Que tormento maior a um livre peito  
Que a um homem, a um igual viver sujeito?  
A liberdade a todos é comua;  
Ninguém tão louco renuncia à sua.  
As leis, que um ente humano lhe prescreve,  
Cego capricho sustentar-nos deve  
Neste, diga-se embora fanatismo,  
Embora seja abismo de outro abismo.  
Talvez justa noção, princípio, ou dogma  
O comum bem noutros projetos soma;  
Mas dou que haja razão que assim o dite,  
Que um saudável concelho facilite  
O bem e a paz na obediência; eu vejo  
Que não podemos já viver sem pejo.  
Ao ludíbrio dos mais sacrificados  
Nos tratarão de membros empestados;  
Sobre nós cairá todo o castigo,  
Que nos encobre agora um rosto amigo.  
Longe, longe, tão baixos pensamentos;  
Este é o fim, que segue a passos lentos  
O novo Chefe; eu o provejo: posso  
Contestar-lhe o poder; o resto é vosso.

Calou o Infame; em um tremendo grito  
Soa aplaudida a idéia do delito;  
É geralmente a rebeldia aceita.  
Do descuido do grande se aproveita  
Entretanto o Traidor; expede aviso

A um corpo de Europeus, que vê preciso  
Para auxiliar seu braço: o Itatiaia  
Os recolhe em seu seio; ali se ensaia  
A sedição em poucos mais de um cento.

Houvera de lograr-se o ousado intento,  
Mas o Gênio, que guarda as Pátrias Minas,  
E a seus descobridores de benignas  
Influências enchera, percebendo  
A crua idéia do atentado horrendo,  
Do mais fundo de um monte a estância bruta  
Buscara; ali se acolhe; e em uma gruta  
Da cavernosa lapa anima o gesto  
De um índio já cansado, inútil resto  
Dos anos que contara a mocidade.  
Barba e cabeça lhe branqueja a idade;  
Dos fundos olhos inda mal se via  
O fogo cintilar, em que nutria  
Um espírito vivo e penetrante:  
De leito serve a pedra, e tem diante  
De si os secos ramos, onde acende  
A pequena fogueira; a ela estende  
As mãos mirradas, o calor buscando.  
De uma clara corrente, que manando  
Vinha do centro do penhasco, o curso  
Segue Albuquerque, entregue o seu discurso,  
Separado dos mais, a idéias várias;  
Entrava; e suspenso entre as contrárias  
Imagens que o combatem, de repente  
Punha os olhos no índio, e no acidente  
Do inesperado encontro está pasmado.  
Caminhante que dorme descuidado  
Tanto não se enche de terror e medo,  
Quando abre os olhos, e vizinho e quedo  
Vê desde longe o tigre, a onça brava,  
Que da brenha saía, e atento o olhava.  
Cuida ver uma fera o Herói; ousado

Aponta o férreo cano, e já dobrado  
Houvera a mola, se de riso o velho  
A boca não enchera; ao seu conselho,  
Às suas vozes Albuquerque chega,  
E todo ao pasmo e à admiração se entrega.  
Eu vos conheço, ó Europeus, conheço  
(Dizia o Gênio) o generoso apreço,  
Que de vós faz o Mundo; em vão dos anos  
Não conto os largos e crescidos danos.  
Confunde-se o Varão; pede-lhe conte  
Quem é. Que faz? Eu sou, diz Filoponte,  
O primeiro que entrei estas montanhas  
Com o famoso Arzão; ele às estranhas  
Regiões se passou; eu só deixado,  
E ao comércio dos homens já negado  
Vivo neste retiro; a minha vida,  
Fortuna e mal, história é tão crescida,  
Que só pode cansar-te a minha história;  
Mas, pois a sorte com feliz vitória  
Te conduziu té aqui, chegando a ver-me,  
Sabe quem sou, e aspira a conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão feria  
O penedo de um lado, e já se via  
Aberta uma estrutura transparente  
De cristalinos vidros, tão luzente,  
Que aos olhos retratava um firmamento  
De estrelas esmaltado, e o nascimento  
Do roxo Sol, quando no mar desperta.  
Em cada vidro a um tempo descoberta  
Uma imagem se vê, que os riscos formam,  
Estas em outros vultos se transformam,  
E a cena portentosa a cada instante  
Se muda e se converte; está diante  
Uma extensão larguíssima de montes,  
Que cortam vários rios, lagos, fontes;  
Densos matos a cobrem; vêm-se as serras

De escabrosos rochedos novas guerras  
Tentar, buscando os Céus, como tentara  
Briareu, quando aos Deuses escalara.

Logo uns homens se vêem, que vão rompendo  
Com intrépida força o mato horrendo,  
Nus os braços e os pés, mal socorridos  
Do necessário à vida: estão metidos  
Por entre as feras,-e o Gentio adusto;  
Cada um de si só, perdido o susto,  
Se embosca ao centro dos Sertões, se entranha  
Já pelo serro, já pela montanha;  
Uma e outra distância gira em roda,  
E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro, e logo outra pintura  
Nova imagem propõe, nova figura,  
Que retrata uns mortais de negras cores,  
Regando o aflito rosto de suores  
À força das fadigas com que cavam  
As brutas serras, e nos rios lavam  
As porções extraídas, separando  
As pedras do metal, que andam buscando.  
Eis que outros homens de semblantes feros  
Contra os Conquistadores já severos  
Os fazem despejar desde os seus lares;  
Disperso o sangue se recolhe em mares;  
Família, e armas, cabedais, e tudo  
Cede aos avaros, que do ferro agudo  
Fazem despojo à fugitiva gente.  
Ao som da caixa o vidro transparente  
Retrata logo em monstruoso vulto  
Correndo à rédea solta a todo o insulto  
Confusa multidão, que se prepara  
Arrogar-se o Governo e emprende avara  
Sustentar com seu sangue o roubo indigno;  
De um Chefe os rege o coração maligno,

Bem que se justifique na aparência  
De um influxo de zelo e de prudência.  
Desde o cume de um monte está voltando  
As costas um Guerreiro, que domando  
A insígnia traz na mão; segue seus passos  
O resto desses míseros, que aos laços  
Dos ímpios escapara; tem a morte  
Presente aos olhos; e na dúbia sorte  
Escolhe de outras forças redobrar-se,  
Té que chega a ocasião de vindicar-se  
O respeito, que em vão aos maus intima.  
Passavam outros vultos, quando em cima  
De um soberbo cavalo vem montado  
O mesmo Herói, o Herói que está pasmado  
De se ver a si próprio: ao longe um pico  
Desde uma serra o convidava ao rico  
País, que assombra o bárbaro Itamonte  
Co'a robusta presença: tem defronte  
O demandado Rio, que já vira,  
E notara em seu sonho; então se admira  
Inda mais Albuquerque, e crê que a idéia  
Em um fingido objeto se recreia,  
Figurando por força do costume  
O Rio e a Serra, que encontrar presume.

Alegre se encantara nesta vista:  
Mas notou (triste horror!) que da conquista  
Embaraçava a entrada o vil partido  
Dos conjurados Chefes, produzido  
O exemplo do retiro de Fernando.  
Tanto se atreve o insolente bando!

Encheu-se de tristeza, e o Gênio ativo,  
Que atende a protegê-lo, logo um vivo  
Esforço comunica ao nobre peito;  
Antes que em fumo ou ar voe desfeito  
De tanta idéia o quadro portentoso,

Quer declarar em tudo o misterioso  
Teatro das imagens: vós agora  
Influí-me uma voz alta e sonora,  
Ninfas do pátrio Rio, com que eu possa  
Cantar na glória minha a glória vossa.

## CANTO VI

Na diáfana máquina presente  
(Diz Filoponte) todo o continente  
Vês, Albuquerque, das buscadas Minas.  
São estas, são as regiões benignas,  
Onde nutre a perpétua primavera  
As verdes folhas, que abrasar pudera  
Em outros climas o chuvoso inverno.  
Dos mesmos Deuses o poder eterno  
Não se atrevera a combater os montes  
E as serras, que em distintos horizontes  
Murando vão pelos remotos lados  
Mares e lagos, com que ao Sul marcados  
Seus limites estão: a forma, o nome  
Variam serra e rio, e sem que tome  
Firmeza alguma o prolongado vulto,  
Sempre o princípio te há de ser oculto,  
Quando chegues ao fim do rio ou serra.  
Levados do fervor que o peito encerra  
Vês os Paulistas, animosa gente,  
Que ao Rei procuram do metal luzente  
Co'as próprias mãos enriquecer o Erário.  
Arzão é este, é este o temerário,  
Que da Casca os sertões tentou primeiro.  
Vê qual despreza o nobre aventureiro  
Os laços e as traições, que lhe prepara  
Do cruento Gentio a fome avara.

A exemplo de um contempla iguais a todos,  
E distintos ao Rei por vários modos  
Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,  
Alvarengas, Godóis, Cabrais, Cardosos,  
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,  
E os outros, que primeiro assinalados  
Se fizeram no arrojo das conquistas,  
Ó grandes sempre, ó imortais Paulistas!  
Embora vós, Ninfas do Tejo, embora  
Cante do Lusitano a voz sonora  
Os claros feitos do seu grande Gama,  
Dos meus Paulistas louvarei a fama.  
Eles a fome e sede vão sofrendo,  
Rotos e nus os corpos vêm trazendo;  
Na enfermidade a cura lhes falece,  
E a miséria por tudo se conhece.  
Em seu zelo outro espírito não obra  
Mais que o amor do seu Rei: isto lhes sobra.  
Abertas as montanhas, rota a Serra,  
Vê converter-se em ouro a pátria terra;  
O Etíope co'os Índios misturado  
Eis obedece ao pródigo mandado  
Dos bons Conquistadores: desde o fundo,  
De ouro e diamantes o país fecundo  
Produzas grandes, avultadas somas.  
Tu por empresa, nobre engenho, tomas  
Fabricar inda o esférico instrumento,  
Que o trabalho fará menos violento.

Já dos rebeldes o esquadrão ferino  
Se conjura afazer o roubo indigno,  
Tomando outro partido esses, que devem  
Respeitar um só Rei; ímpios se atrevem  
A lançar desde os lares, que têm feito  
Os míseros Vassalos: o preceito  
Intimado na voz do Rei lhes tira



As armas, um e outro se conspira,  
E em vários choques, em ataques vários,  
Ou morrem já, ou buscam solitários  
E fugitivos o seu pátrio berço.  
Ide, infelices; o ânimo perverso  
Cessará uma vez de maltratar-vos;  
O Rei sabe puni-los, sabe dar-vos  
Justa satisfação, justa vingança.  
Sobre eles vem Fernando; mas o lança  
Inda o furor da levantada gente;  
Volta a munir-se o Capitão valente,  
E a vosso benefício já protesta:  
Fará cair ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos  
Se vão juntando e vêm correndo os grossos  
Esquadrões, que pertendem desde a Serra  
Fazer aos ímpios a sangüínea guerra;  
Mas tu sucedes, Albuquerque invicto,  
No bastão a Fernando; o Rei prescrito  
As ordens te tem já, porque temperes  
O orgulhoso furor: não consideres  
Tão segura porém a tua entrada;  
A vil conspiração mal apagada  
Inda ao longe te forja e te fulmina  
Nos levantados Chefes a ruína.

Tens ao teu lado a próvida influência  
Do pátrio Gênio; contra uma violência  
Outras suscitarei; lá desde o seio  
Das mesmas Minas, um incêndio ateio  
Nos ilustres Pereiras: estes passam  
A disputar co'os outros e se enlaçam  
Em vingar os domésticos insultos.  
Vós e os mais vossos passareis ocultos  
E disfarçados aos distritos, onde  
Dos rebeldes o número se esconde.

Lá convosco estarei, e... prosseguia,  
Mas de uma e outra parte concorria  
Buscando o Herói a comitiva, crendo  
Que aos matos se entranhara e que,  
perdendo Talvez o rumo, duvidoso errava.  
Faria já com eles se ajuntava,  
E Garcia, que o rosto traz magoado  
Do sucesso infeliz que tem notado.

Tudo desaparece neste instante  
Ao assombro da nuvem, que diante  
Da penha condensara o Gênio astuto.  
Um chuveiro cerrado desde o bruto  
Cume da rocha se estendia, e nada  
Mais que a sombra na lôbrega morada  
Se deixa perceber por tudo quanto  
Detivera ao Herói no estranho encanto.

Ao passo que se assusta e se entristece  
Das imagens que vira, restabece  
O espírito no amparo prometido  
Do Gênio, em quem contempla introduzido  
O influxo de alguma alta inteligência,  
Que se encobre dos homens na aparência.

Alegre sai da nuvem, que desata,  
E no arcano mais íntimo recata  
O que ouve e vê, notando os companheiros;  
Que é isto, diz, chegastes mui ligeiros,  
Vós, Padre, e vós, Garcia! A vossa empresa  
Talvez se conseguiu com mais presteza  
Do que eu tinha esperado: em doce laço,  
Dizei, já vive Aurora? Vive Argasso?

Ah! Senhor, diz Fialho (que Garcia,  
Os olhos rasos d'água, mal podia  
Falar, e quase absorto o Herói saúda),

O caso é tão funesto, que na muda  
Mágoa só pode cabalmente ouvir-se.

Sáimos há seis dias; descobrir-se  
A Aldeia pouco já se começava;  
Aos acenos de Argasso festejava  
O Monaxós alegre a nossa vinda;  
Não tardou de saber a crua Eulinda,  
Rival de Aurora, o firme pensamento  
Do meditado Santo Sacramento;  
Conspirou em seu dano, e de ira cheia  
A cova foi buscar de Teriféia:  
Esta a superstição teve por nome,  
Inocentes meninos traga e come.

Dous arrancados dos maternos peitos  
Lhe leva a crua Indiana; ela desfeitos  
Os tem já entre as presas aguçadas:  
"Eu vi (contou algum) que sufocadas  
As cãs estavam de seu sangue, e quentes  
Brotavam dentre os beiços as correntes."  
Do destroço fatal contente a velha,  
Nas vítimas, que Eulinda lhe aparelha,  
A dar-lhe ajuda alegre se convida.

A instâncias de Garcia está rendida  
Em breve instante Aurora; nem se assusta  
Ao proposto Himeneu, e crê que é justa  
A persuasão, ao ver que afaz Garcia.  
Do antigo amor de todo se esquecia  
Um e outro; e a virtude só pertendem  
Acreditar no estímulo, que acendem  
Dentro em seus corações, de propagada  
Ver uma vez a religião amada.

Ao Índio instruo nos mistérios Santos  
Da ortodoxa doutrina; e longe encantos,

Superstições e mágicas, já creio  
Que tenho descoberto nele um meio  
De derramar por entre os mais a cura  
Da radicada antiga desventura.

Contentes andam todos pela Aldeia,  
Festejando o consórcio; qual passeia,  
Calçados pés e mãos de várias plumas,  
Qual faz soar o apito (nem presumas)  
Que se ignora da música o concerto  
Entre os crus Monaxós); já vinha perto  
O dia ao caro laço destinado;  
O Cacique, do amor estimulado  
Que tem pelos seus hóspedes, destina  
Que divididos vão pela colina,  
E que desçam ao vale os que destreza  
Têm no dardo e na flecha; encher a mesa  
Intenta com a caça, que sepulta  
Nos seus seios a gruta mais oculta;  
Brindar quer os mais índios deste modo:  
Convida desde já ao povo todo.  
Ele próprio à fadiga não se nega;  
Arremessa-se ao mato. Aurora pega  
No seu arco também; todos se atiram  
Ao fundo espesso, e pelas brenhas giram.  
Teriféia a ocasião julga oportuna,  
Põe os olhos no Céu, alta coluna  
Levanta e firma em terra; já sobre ela  
Se ergue e murmura, e nota cada estrela  
Com o dedo; depois desce, e riscando  
Muitas vezes em roda, vai tocando  
A coluna, que treme e que se move:  
Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove;  
E o tronco, dentre a nuvem que o cobrira,  
Sai figurando um tigre, que respira  
Fogo e veneno pelos olhos; passa  
Com ele ao monte, e o guia aonde a caça

Se tenta e busca: aqui dormia Aurora;  
Dormia; e junto aos pés branda e sonora  
Fontezinha o repouso convidava;  
O peito em grande parte debruçava  
Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo  
De encosto o mole braço está servindo.  
Chega a Maga cruel, põe-lhe diante  
A fera que conduz, e ao mesmo instante  
Se oculta em parte onde o sucesso veja.  
O cuidado de a ver, ou fosse a inveja,  
Àquele sítio encaminhava os passos  
Do destemido Argasso; entre embaraços  
De mal distintos ramos, já descobre  
O mosqueado tigre, ao braço nobre  
O crê despojo, e de matá-lo espera;  
Firme o pé desde longe aponta a fera,  
E atrás puxando o braço a seta envia,  
Que vai cravar no monstro aponta fria.  
Corre gritando - oh! Céus! - e vê passado  
De Aurora o peito; em vão busca assombrado  
O tigre, que não há; já desfalece  
A pouco a pouco a bela; a mágoa cresce  
No mísero homicida, clama e grita,  
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita;  
Nem mais a vida, que estimara, preza;  
Arroja o arco, e à infeliz beleza  
Consagra de seu corpo o último resto.  
"Amor, disse, cruel, pois que funesto  
Foi o fim de um princípio tão ditoso,  
Pois que cortastes o vínculo gostoso  
Que a dita, a mesma dita ia tecendo;  
Bem que inocente o impulso inda estou vendo,  
Que animou este braço, acabe o peito,  
Onde ele se forjou; roto e desfeito  
O véu que cerca esta alma, ela se aparte,  
Indiana adorada, ou a pagar-te  
Com seu eterno pranto a dura ofensa,

Ou a pôr de teus olhos na presença,  
A mágoa enfim de um erro involuntário."  
Disse; e trepando a penha, ao chão contrário  
Desesperado já se precipita.  
Teriféia de longe aos índios grita,  
E alegre da vitória deixa o monte;  
Não há quem visse, ou quem a história conte:  
Mas da homicida bárbara informada  
Já torna Eulinda; furiosa brada  
A Aldeia, por vingar tanta maldade;  
Sobre nós faz cair a atrocidade  
Do delito, e abrasando a Aldeia inteira  
De oculta chama, que ateou ligeira,  
Ministros nos faz crer deste atentado:  
A fuga nos salvou, nem avisado  
Serias de um tão trágico sucesso,  
Se de Argasso um rival, que a tanto preço  
Eulinda amava, então não descobrira  
Tudo o que a Eulinda e a Teriféia ouvira.

Calou Fialho; em vão susteve o pranto  
Albuquerque; e notando que o quebranto  
De Garcia a rendê-lo se avançava,  
Consolando seu mal, assim falava:  
Jamais se viu segura uma alegria,  
Nem estável jamais pôde algum dia  
Sustentar-se a fortuna de um ditoso:  
Espere sempre o inverno proceloso  
Aquele por quem passa a primavera;  
Amor que em brandas almas só pudera  
Empregar toda a força de seus tiros,  
Fará que troque as glórias em suspiros  
Aquele que em vão crera aos desenganos;  
Ó vós, felices, vós, que os doces anos  
Entregais à virtude, eu vos agouro  
O sempre imarcescível, fresco louro,  
Que vos há de levar na longa idade

Muito além da cansada humanidade.

## CANTO VII

A Madre de Mêmnon dourava a terra,  
E já se descobria uma alta Serra  
Com três dias de marcha; de Itamonte  
O carregado aspecto está defronte.  
Não repugna do Herói à nobre entrada,  
Mas tem presente ainda a retirada  
De Fernando; inda vê de sangue tinto  
O campo; e nota o ódio mal extinto  
Dos infames rebeldes, conjurados.

Embaraçar pertende os apressados  
Passos que vêm trazendo, e quer primeiro  
Co'a vista de um obséquo lisonjeiro  
Demorar a Garcia: teve o indulto  
Este Vassalo de avançar-se oculto  
E entrar na povoação, notando o estado  
Da levantada gente: era chegado  
À margem de um ribeiro; e os olhos tendo  
Mal enxutos ainda, se está vendo  
Na prisão insensível de um encanto,  
Que enfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

Uma voz se lhe finge, que feria  
Os ares docemente e assim dizia:  
Saudoso Ribeirão, Mancebo infausto,  
Seja perdida a pompa, a glória, o fausto,  
Em pequena corrente convertido  
Vás regando este vale, o teu gemido  
Não acuse de Eulina o brando peito;  
Talvez Amor tirano a teu respeito  
Quis que eu fosse cruel, e involuntário

Seguiu meu pensamento esse contrário  
Influxo das Estrelas; eu te amava,  
E dentro da minha alma protestava  
Não render o troféu desta beleza  
Mais que aos suspiros teus, e à chama acesa  
De Amor, que nos teus olhos percebia.  
Apolo, o ingrato Apolo é quem devia  
Ser contigo mais brando e mais propício:  
A culpa é só de Auco; o sacrifício,  
O voto que ele fez ao Deus tirano,  
Tudo enfim se ajuntou para o teu dano.

Talvez não conhecia eu, desgraçada,  
Que eras tu o que então com mão armada  
Me estavas a esperar lá perto à fonte.  
Este aleivoso Deus, para que conte  
Da minha história a triste desventura,  
Depois que presa a minha formosura  
Entre a nuvem levara enganadora,  
Faltando a toda a fé, me ordena agora  
Que eu torne ao pátrio berço, e convertida  
Em Ninfa destas águas, passe a vida  
Entregue sempre a míseros lamentos.  
Oh! e quem crê de um Deus nos juramentos!

Aqui o teu sussurro estou ouvindo,  
E nele a tua queixa inda sentindo,  
Quando escapada aos amorosos laços  
Dizer-te escuto: "Onde a meus ternos braços,  
Onde te escondes, onde, amada Eulina,  
Quem tanto estrago contra mim fulmina?"

Aqui teu duro mal percebo e noto,  
Quando, do agudo ferro o peito roto,  
Dás à cega ambição em cópias de ouro  
O que roubaste, mísero tesouro  
De Itamonte, teu Pai, que não sabia



Que a seus cansados anos deveria  
Suocer um tão fúnebre desgosto.

Cheio de mágoas te estou vendo o rosto  
Com que acusas o humano atrevimento,  
Quando lhe acordas o furor violento  
Que faz de Polidoro a desventura,  
Oh! ambição! Oh! sede! Oh! fome dura!

Ouve Garcia o canto, e não atina  
De onde tanto prodígio, mas de Eulina  
A delicada face está patente:  
Fita os olhos, e vê desde a corrente  
Lançar a mão à praia a Ninfa bela;  
Toma uma areia de ouro, e já com ela  
Pulveriza os cabelos: neste instante  
O sonho de Albuquerque o faz avante  
Passar; os braços abre, à Ninfa chama;  
Ela o vê, e não teme, e já se inflama  
De amor por ele; aos braços o convida,  
E abrindo o seio o Rio, uma luzida  
Urna de fino mármore os sepulta,  
Recebendo-os em si: ficou oculta  
A maravilha a quantos o acompanham.  
Em busca de Garcia já se entranham  
Pelos matos mais densos, mas perdida  
A esperança de achá-lo, e recolhida  
Volta ao Herói a esquadra aventureira.

De inadvertido brincos ação grosseira  
Turbara neste tempo a comitiva;  
Querem que entre eles o partido viva  
De Europeus e Paulistas, e já passa  
A desafio em uns o que foi graça.  
Conta-se que por mofa algum dizia  
Que seguro em si só não vai Garcia;  
Que ao valor europeu em pouco ou nada

Disputar do Paulista pode a espada.  
Leva-se Borba do furor ardente,  
Empunha o ferro, atreve-se valente  
Ao mesmo tempo a rebater Pegado  
O colérico ardor; vê-se insultado  
No respeito Albuquerque: Olá! dizia,  
Os braços suspendei; de rebeldia  
É este um sinal claro; não se deve  
Tanto despique à ofensa, que é tão  
leve. Se ao Paulista de fraco alguém acusa,  
Ele de seus espíritos só usa,  
Quando a honra do empenho ao campo o chama.  
Não é valente, não, o que se inflama  
No criminoso ardor de a cada instante  
Dar provas de soberbo, e de arrogante.  
Os Europeus são fáceis neste arrojo."

Se justo imaginais foi o despojo  
Das Minas, que lhes tiram, porque avaros  
Se pertendem mostrar (bem que são raros  
Os que entre eles se arrastam da cobiça),  
Dizei: não pede a pródida Justiça  
Que zele cada um, que guarde, e reja  
O que adquire o seu braço, quando a inveja  
Lho pertende roubar? Estas conquistas,  
A quem se deverá mais que aos Paulistas?

Mas eu ponho de parte os argumentos,  
Que com substância igual os fundamentos  
Fazem desta disputa assaz ligeira;  
Seguiremos a máxima grosseira  
Dos espíritos vis, que têm formado  
Nestas Minas um corpo levantado?  
Acaso um mesmo Rei nos não protege?  
Uma só Lei a todos nos não rege?  
Do tronco português não é que herdamos  
O sangue de que as veias animamos?

Não faz comuas um Vassalo as glórias  
Do seu Rei? Do seu Reino? Das vitórias  
Que um ganha, o outro perde, não alcança  
A todos o infortúnio ou a bonança?  
Somos nós dessa estirpe, que brotara  
Do antigo Cadmo a bárbara seara,  
Onde uns irmãos com outros pelejando  
O ferro no seu sangue estão banhando?  
Árbitro entre vós outros me conheço,  
Do Europeu, do Paulista faço apreço,  
E distinguindo em todos a virtude  
Não espereis que de projeto mude.  
Não faz a Pátria o Herói, nascem de Aldeias  
Almas insignes, de virtudes cheias;  
E nem sempre na Corte nobre e clara  
Ingênua série, portentosa e rara  
Se vê de corações, que resplandecem  
Pela glória somente, e nela crescem

Dizia; e ao mesmo passo de Pereira  
Um aviso chegava, de onde inteira  
Informação o Herói já recebia  
Da sacrílega, ousada rebeldia.  
Sabe que ao longe os montes estão cheios  
Dos conjurados Chefes; nisto os meios  
Consulta de passar; e tem presente  
A imagem, que no vidro transparente  
Formara o Gênio; de Garcia ousado  
Só quisera partir acompanhado;  
Por ele chama, e teme, e se entristece  
Ao ver que falta, e apenas aparece  
Quem dê notícia, ou conte a sua ausência.

Teme que surpreendido na violência  
Ficasse dos Rebeldes; resolvido  
Já tem partir sem ele; do vestido  
Que traja, militar, e rica banda

Se despe; humilde capa aos ombros manda,  
E por tudo disfarça o alto respeito,  
Que inculca o aspecto: a todos no conceito  
Segura desta empresa, e lhes ordena  
Que em marcha vagarosa, entre a serena  
Sombra da noite ao longe o vão seguindo;  
Parte, e encostado à Serra vai subindo  
Uma colina, que lhe põe defronte  
O pico, o grande pico de Itamonte.

Chegava o dia ao termo derradeiro,  
E ao vale vem descendo desde o outeiro  
A sombra carregada; humilde tenda  
Aqui recolhe o Herói; como pertenda  
O Interesse adiantar o seu partido,  
Bem que o Gênio a seu ímpeto escondido  
Tinha as idéias com que o Herói salvava,  
Na mesma tenda a um tempo abrigo dava  
O indigno Monstro aos Chefes levantados.

Todos em um congresso declarados  
Entre si praticando estão na vinda  
De Albuquerque, nem crêem que esteja ainda  
Tão próximo a chegar; longe o figuram,  
E muitas vezes protestando juram  
De obrigá-lo a voltar; a morte certa  
Prometem, se o resiste; descoberta  
A Albuquerque se faz por este modo  
A torpe idéia do desígnio todo.

Recolhem-se a dormir, e se recolhe  
Albuquerque também, que não lhe tolhe  
A constância o temor; cauto pertende  
Aos Pereiras juntar-se, e mais se acende  
No desejo de ver ao bom Garcia,  
Que aos três irmãos já crê que passaria.

Cheio destes cuidados entregava  
Ao leito os lassos membros, e pensava  
Em vencer da alta noite por diante  
O caminho. Eis o Gênio vigilante,  
Que o perigo iminente está prevendo,  
Com seus influxos sobre o Herói descendo,  
Da mão o prende e o guia a um sítio aonde  
O escuro Caeté de acordo esconde  
Um magnífico Paço, em que destina  
Que tenha o Herói habitação mais digna.  
Aqui dos três Pereiras o esperava  
O nobre ajuntamento, e protestava,  
Cada um em seu nome, que faria  
Cair por terra a infame rebeldia;  
Que de amigos, patrícios e parentes  
Tinha a seu mando prontas e obedientes  
Muitas esquadras, que traria ao lado.  
Tudo agradece o Herói; mas tem pensado  
Mover por arte e por indústria os Povos.

Estamos, disse, em uns países novos,  
Onde a polícia não tem inda entrado;  
Pode o rigor deixar desconcertado  
O bom prelúdio desta grande empresa.  
Convém que antes que os meios da aspereza  
Se tente todo o esforço da brandura.  
Não é destro cultor o que procura  
Decepar aquela árvore que pode  
Sanar, cortando um ramo, se lhe acode  
Com sábia mão a reparar o dano.  
Para se radicar do Soberano  
O conceito, que pede a autoridade,  
Necessária se faz uma igualdade  
De razão e discurso; quem duvida  
Que de um cego furor corre impelida  
A fanática idéia desta gente?  
Que a todos falta um Conductor prudente

Que os dirija ao acerto? Quem ignora  
Que um monstruoso corpo se devora  
A si mesmo, e converte em seu estrago  
O que pensa, e medita? Ao brando afago  
Talvez venha a ceder; e quando abuse  
Da brandura, e obstinado se recuse  
A render ao meu Rei toda a obediência,  
Então porei em prática a violência;  
Farei que as armas e o valor contestem  
O bárbaro atentado; e que detestem  
A preço de seu sangue a torpe idéia.  
Disse; e deixando a todos a alma cheia  
De uma nobre esperança, já passava  
A saber de Garcia; nem lhe dava  
Notícia dele algum dos três Pereiras.  
A um fundo Rio estavam sobranceiras  
Espessas matas de árvores copadas;  
De seus ramos, quais) á foram mostradas  
Ao Troiano, que tenta o Reino escuro,  
Em vãs imagens pende o sonho; um duro  
Tronco escolhera o Gênio; ali fizera  
Em uma e outra fúnebre quimera  
Respirar o terror, forjar-se o susto.  
Dali manda se espalhe a todo o custo  
Uma e outra ilusão; partem voando  
As fantásticas sombras; vão pintando  
Grilhões, cadeias, cárceres, suplícios,  
Degoladas cabeças, artifícios  
Nunca inventados de instrumentos vários  
Que estão ameaçando aos temerários,  
E rebeldes Vassalos a ruína:  
Confundem-se os infames, e destina  
Cada um desde já buscar o meio  
De pôr de parte o crime enorme e feio,  
E acreditar aos pés do Herói que chega  
A fé, com que ao seu Rei se rende e entrega.

## CANTO VIII

Entretanto que o Gênio se cansava  
Nesta empresa, o Interesse fomentava  
Novas discórdias; e do altar impuro,  
Aos sussurros de um fúnebre conjuro,  
Subir fazia desde o horrível centro  
Vorazes Fúrias, e do Abismo dentro  
A guerra ateia, que aos mortais destroça;  
Tiram bravos leões uma carroça,  
Em cujo assento aparecer se via  
Com vulto horrendo a infame Rebeldia;  
Víboras os cabelos são, que estende  
Sobre a enrugada testa; um Etna acende  
Em cada olho, e da boca em cada alento  
O veneno vomita o mais violento.  
Tem por despojos a seus pés caídas  
Púrpuras rotas, destroçadas vidas  
De Reis, de Imperadores; vem cercada  
Da Traição e do Engano, e disfarçada  
Entre estes monstros com fingido rosto  
A Hipocrisia tem seu trono posto.

Este ídolo cruel, que se autoriza  
Mais entre os outros, porque estraga e pisa  
Com mudo pé dos Grandes as moradas,  
Tendo a seu lado as Fúrias convocadas,  
E entrando em parte já co'a Rebeldia,  
Ao Nume do Interesse assim dizia:

Sei que vacila o teu arrojo, e vejo  
Que muito além do natural desejo  
Vão correndo as cansadas diligências,  
Com que até aqui no esforço das violências

Quisemos impedir a triste entrada  
Deste Herói, que nos traz ameaçada  
Toda a ruína de uma longa idéia.  
Se talvez sombra vã não lisonjeia  
Meus altos pensamentos, eu discorro  
Que a mim me toca só dar o socorro  
Ao decadente impulso desta empresa.  
Não sei de que triunfo na certeza  
Eu me prometo um dia a segurança  
De uma eterna, pacífica bonança.  
Se passou Albuquerque, e tem rompido  
Ao centro destas Minas, destruído  
Eu verei de uma vez o seu projeto.  
Tomo a meu cargo simular o aspecto  
De uma rendida sujeição, levando  
Na lisonja encoberto o insulto, e quando  
Ele acredite mais nossa obediência,  
Farei que, rota a máscara, a violência  
Dentro dos nossos braços o acometa;  
Que morra a frio sangue, ou que se meta  
Às brenhas fugitivo, e busque a estrada  
Que lembra de Fernando a retirada.

Assim falava a torpe Hipocrisia,  
O Engano co'a Traição já se lhe unia;  
Aprovava o Interesse a idéia insana,  
A Rebeldia se gloriava ufana;  
E por todos o alento suscitado,  
Se alegram, crendo já executado  
Tudo quanto entre as Fúrias se medita.  
Vão buscando os Chefes; corre, e grita  
A infame esquadra de uma e outra Fúria:  
Pouco se afligem da passada injúria.  
Cortam desde o seu templo os crespos ventos;  
E ao hábito nocivo, aos pestilentos  
Influxos, que derramam, se enche tudo  
De serpentes, de feras, que de agudo



Veneno têm a fauce infeccionada.  
Talvez não viste tu, Líbia abrasada,  
De monstros mais coberta a tua areia,  
Quando o Filho de Acrísio ali semeia  
O sangue da cabeça que cortara  
O ferro, de que a Deusa a mão lhe armara.  
Mas já, Garcia amante, me convidas  
A descrever as horas entretidas  
Nos braços a que Eulina te trouxera.  
Dentro da mansa e dilatosa esfera  
Do peregrino Rio entrado havia  
O Mancebo feliz, e já se via  
Pisando de uma sala o pavimento;  
Por tudo refletia o luzimento  
Da riqueza, que os tetos esmaltava;  
Sobre colunas de cristal estava  
Sustentado o edifício; delas pendem  
Lâminas de ouro, onde seu rosto acendem  
Em vivo resplendor Varões egrégios.  
Da Fortuna e do Tempo os privilégios  
Inculcam dominar; nas mãos sustentam  
As insígnias do mando, e representam  
A Régia Autoridade: em cada testa  
Lhes verdeja o laurel que manifesta  
A duração da imarcescível Fama.  
Eulina, que Garcia ao lado chama,  
Em um assento de ouro marchetado  
Lhe tem junto a uma mesa preparado  
O brinde da mais rara formosura.  
Cem taças de ouro são, onde procura  
Mostrar-lhe aos olhos quanto desentranha  
De mais precioso o Rio, ou a Montanha.  
Cerrava um branco véu logo diante  
Uma estância; rasgou-se, e em breve instante  
Deixou ver recortado junto a um monte  
O venerando rosto de Itamonte.  
Era de grossos membros a estatura,

Calva a cabeça, a cor um pouco escura,  
De muitos braços, qual a idade vira  
Tifeu, que a dura Terra produzira.

Quase a seus pés, o corpo debruçando  
Sobre um punhal, estava trespassando  
O peito um gentil Moço; da ferida  
Uma fonte brotava, que estendida  
Com as vermelhas águas rega a areia.  
Eulina, que nas graças não receia  
Competir co'a Deidade que o Mar cria,  
De transparente garça se vestia,  
Toda de flores de ouro matizada:  
A cabeça de pedras tem toucada,  
Deixando retratarem-se as estrelas  
Em seus olhos; tão ricas, como belas,  
Muitas Ninfas em roda a estão cercando,  
Nas lindas mãos nevadas sustentando  
Os tesouros que oculta e guarda a Terra  
(Tristes causas do mal, causas da guerra!).

Niséia em uma taça oferecia  
Um monte de custosa pedraria,  
Em que estão misturados os diamantes,  
Co'as safiras azuis, e co'os brilhantes  
Topázios, co'os rubis, co'as esmeraldas  
Que servem de esmaltar essas grinaldas,  
De que as Ninfas do Rio ornam a frente.

Em outra taça do metal luzente,  
Copioso monte apresentava Loto,  
Por extremo formosa; desde o roto  
Seio do Rio o louro pó juntara;  
Dele costuma usar Eulina clara  
Para dar novo lustre a seus cabelos.  
Parece que a fadiga dos martelos  
Batem o mesmo pó coalhado ao fogo,

Pois deixada esta taça e olhando logo  
Para outra que Licenda na mão tinha,  
Nelas de barras mil um monte vinha,  
Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera,  
A mimosa Leutipo: esta ofertava  
Uma e outra medalha, que cunhava  
Nas pequenas esferas do ouro fino.  
De vários caracteres peregrino  
[De ouro, de diamantes circulado]  
Jeroglífico ali se vê gravado,  
Onde a letra em três riscos dividida  
Tinha estampa entre as outras mais luzida.

Do formoso espetáculo no meio,  
De júbilos Garcia se vê cheio;  
As Ninfas o entretêm, Eulina o prende,  
De Itamonte a grandeza mal entende,  
E do Moço qual vê rasgando o peito  
Não sabe a história; que se o doce efeito  
Provado houvesse do gostoso fruto  
Que encontrara na Hespéria o Grego astuto,  
De si, dos companheiros se esquecia,  
E transportado em outro já se via.

Com a voz descansada lhe falava  
O bom velho Itamonte: e pois que a brava  
E inculca região das pátrias Minas  
Tens pisado, ó Garcia, de ti dignas  
Sejam tuas ações; tu te atreveste  
Primeiro que outro algum; e tu pudeste  
Romper os matos, franquear o passo  
Do não tentado Rio; o Fado escasso  
Contigo não será, tendo encoberto  
Por mais tempo o País que traz incerto  
O teu grande Albuquerque; ele procura

Erguer a Capital, aonde a escura  
Sombra de um sonho lhe propôs defronte  
O carregado aspecto de Itamonte.  
Neste sítio ele está; ali se ajunta  
Com os fortes Pereiras, e pergunta  
Por ti: o pátrio Gênio o tem guiado;  
Deu-lhe a mão, lá opôs, ali prostrado  
Ele vê a seus pés esse que há pouco,  
Levado de um furor insano e louco,  
Embargar pertendera a sua entrada.

Por muitos anos sei como ignorada  
Foi aos humanos esta Serra: agora  
A têm tentado alguns e nela mora  
Um corpo de Europeus, a quem oculto  
Tenho ainda os tesouros que sepulto.  
Permite o Céu que sejas o primeiro,  
A quem eu patenteie por inteiro  
Todo o segredo das riquezas minhas.  
Já desde quando no projeto vinhas  
De encontrar as preciosas esmeraldas,  
Eu te esperava deste monte às faldas.  
O Deus destes tesouros impedia  
Até aqui descobri-los, e fingia  
Meu rosto aos homens tão escuro e feio,  
Porque infundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens de que em meus braços  
Ele mesmo te ponha; os ameaços  
Cederão de Itamonte ao teu destino;  
Vê pois, Garcia amado, o peregrino  
Cabedal que possuo, e que pertendo  
Ceda ao teu Rei. Se aos olhos estás crendo,  
Não é fábula, não, essa grandeza  
Que tens defronte da preciosa mesa.  
Toda essa terra, que o descuido pisa  
Dentro em meus braços, crê que se matiza

Com o louro metal, geral o fruto,  
O nome de Gerais por atributo  
Estas Minas terão; vês os diamantes:  
Eles vêm de outras serras mais distantes,  
Mas tudo corre a encher os meus tesouros;  
Hão de brilhar os séculos vindouros  
Com esta fina pedra; em abundância  
Vencerão os que vêm de outra distância;  
[E do Indo será menor a glória,]  
Quando vir apagar sua memória,  
Nas terras onde o Sol iguala o dia,  
Do meu Jaquitinhonha, a onda fria.  
Sobre grossos canais ao alto erguidas  
As correntes do Rio, e divertidas  
Da margem natural, darão entrada  
À industriosa mão, que já rasgada  
Uma penha, e mais outra, faz que a terra  
Descubra aos homens o valor que encerra.  
De ti, ó Rei, das tuas Mãos só fio  
Romper o seio do empolado Rio.

As pedras amarelas, e encarnadas,  
De que estão essas taças coroadas  
Produz o Itatiaia; aquele Rio,  
Que vai buscar com plácido desvio  
Outro, que do guará, purpúrea ave,  
Na língua pátria o nome tem suave;  
[Ele por vários córregos girando]  
E juntando as correntes, vai formando  
O grande Rio Doce; de Gualacho  
Nos futuros auspícios talvez acho  
Que um pequeno ribeiro o nome guarda.  
Nas margens suas de nascer não tarda  
O grato engenho, que decante um dia  
As memórias da Pátria, e de Garcia;  
Que levante Albuquerque sobre a Fama,  
Que a Vila adorne de triunfante rama,

E dos pátrios Avós louvando a empresa,  
Sobre o estrago dos anos deixe acesa  
A memória defeitos tão gloriosos;  
Crescei para o cercar, louros famosos.

As safiras azuis produz a Serra  
Do Itambé; tem rubis aquela terra,  
Aonde em breves fontes a Juruoca  
Vê o Rio nascer, que as águas toca  
Do grosso Paraguai; o Rio Verde  
Daqui nasce também, que o nome perde,

Entrando pelo Grande; estes unidos  
Vão formar com mais outros os crescidos  
E agigantados passos, que desata  
Pela raia da Espanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso Erário,  
Talvez que não permita o Céu contrário  
Que outro mais que teu Pai registre as Minas.  
Encobertas serão as pedras finas  
Por uma longa idade, e fatigadas  
Serão de balde as serras levantadas  
Do escuro Caeté, onde se abriga  
O Botecudo infiel, gente inimiga,  
Gente fera e cruel, que o sangue bebe  
Humano, e encarniçado não concebe  
Zelo algum pela própria Natureza.

Todos estes tesouros e a grandeza  
De todas estas pedras determino,  
Que por mão de um benévolo destino  
Vão buscar inda a Lusa Monarquia.  
Desde o seio da terra a ver o dia  
O mármore virá, que aos Céus levante  
Edifícios soberbos; a elegante  
Mão do artífice, a Vila edificada,

Fará que sobre as outras respeitada  
De Rica tenha o nome, derivado  
Dos tesouros o epíteto prezado.

Aqui chegava, e quase enfraquecido  
Tinha o vigor da voz, quando advertido  
De Eulina o arrebatado pensamento  
Com que o grande Garcia olhava atento  
Para as imagens que pendentes via;  
Com que igualmente os olhos dirigia  
Para o Mancebo que rasgara o peito;  
Tomando a lira, e com suave efeito  
Soar fazendo as cordas de ouro fino,  
Em cadências de um número divino  
De Itamonte lembrava a grande história;  
Contava que empreendendo por mais glória  
Os Deuses conquistar deste Hemisfério,  
Deixando a Adamastor no vasto Império  
Das ondas lá do Atlântico Oceano,  
O pacífico mar buscara ufano;  
Que de um raio de Júpiter ferido  
Fora em duro penhasco convertido;  
Que um filho concebera de uma penha,  
Que foi Ninfa algum dia; ele se empenha  
Em contrastar de Eulina o peito ingrato;  
Apolo oposto ao amoroso trato  
Lha rouba, e leva em uma nuvem; triste  
O Mancebo infeliz, já não resiste  
Ao rigor de seu Fado: busca ansioso  
Sobre um punhal o termo lastimoso  
De tanta desventura; de piedade  
Movido o louro Deus, ou de crueldade,  
Em fonte o converteu, e a cor trazendo  
Do sangue, que do peito está vertendo,  
Por castigo maior do fatal erro  
Sobre ele faz bater o duro ferro.  
Assim atado ao Cáucaso gelado

O ventre vê das aves devorado  
Em contínuo tormento esse, que intenta  
De Apolo arrebatat com mão violenta  
O raio, de que anima a estátua muda,  
Que tanto em fabricar seu dano estuda.

Tudo isto canta a Ninfa, e alegre passa  
A dar à linda voz mais bela graça:  
Levando o rosto, e os olhos aplicando  
Para as lâminas de ouro, e reparando  
Em cada uma, concebe um novo alento;  
Aqui levanta, e esforça o acorde acento,  
E como se Itamonte lhe influíra,  
Do peito do Gigante as vozes tira.

## CANTO IX

Matéria é de coturno, e não de soco,  
O que a Ninfa cantava; eu já te invoco,  
Gênio do pátrio Rio; nem a lira  
Tenho tão branda já, como se ouvira  
Quando a Nise cantei, quando os amores  
Cantei das belas Ninfas e Pastores.  
Têm os anos corrido, além passando  
Do oitavo lustro; as forças vai quebrando  
A pálida doença; e o humor nocivo  
Pouco a pouco destrói o suco ativo,  
Que da vista nutrir a luz amada:  
Tampouco vi a testa coroada  
De capelas de louro, nem de tanto  
Preço tem sido o lisonjeiro canto,  
Que os mesmos que cantei me não tornassem  
Duro prêmio; se a mim me não sobrassem  
Estímulos de honrar o pátrio berço,



Deixara de espalhar pelo Universo  
Algun nome, deixara... mas Eulina  
Me chama já: soava a voz divina,  
E aos bustos discorrendo, assim cantava:  
Aquele (e no primeiro se firmava),  
Aquele que na frente traz gravado  
O caráter de um ânimo empregado  
Em contínuas fadigas, que inda sua  
Por entre a espessa brenha e serra nua,  
Vencendo ásperos riscos e as correntes  
Dos rios não cortadas de outras gentes  
Mais que do hirsuto e bárbaro Gentio,  
É Rodrigo, que junto àquele rio  
Que acabas de pisar a vida entrega  
Às mãos de uma ousadia infame e cega.  
Em vão tentou ao Rei dar novo aumento  
Das Minas no feliz descobrimento,  
Que atalhando seus passos duro fado  
Aqui lhe tinha a urna preparado:  
Em vez de roxos lírios e açucenas,  
Bárbaras flores lhe derrama apenas  
Piedosa mão, se acaso Monstro enorme  
Seu túmulo não pisa, e nele dorme.  
Artur é quem sucede mais ditoso,  
Pois que atraindo ao Borba generoso,  
Que ao centro dos Sertões se retirara,  
Com ele emprende ver a terra avara,  
Onde jaz de Rodrigo a sepultura:  
Vê qual próspera mão dar-lhe procura  
O luzente metal, que em longos anos  
Se negara à fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo  
Difícilmente as rédeas se está vendo  
Entre os insultos da rebelde gente;  
Desde longe o ameaça a bala ardente,  
A crua espada e o punhal ferino,

Se não volta e obedece ao seu destino:  
É prudente o Varão; vê-se arriscado  
Sem armas, sem defesa, e profanado  
O respeito não quer e a autoridade,  
Que sustenta do Rei a Majestade.

De vendar o mando a empresa toma  
O famoso Albuquerque, e a grande soma,  
Dos tesouros que guardo eu lhe preparo.  
Melhor do que nos mármore de Paro,  
Ou nos polidos bronzes de Corinto,  
Ele o seu nome levará distinto,  
De uma vez as cabeças decepando  
Da Hidra venenosa, que soprando  
Ainda o fogo está da rebeldia.  
Fará subir com nobre valentia  
De choupanas humildes a altas torres  
Essas povoações, que a ver discorres  
Desde esta margem te meu fundo centro;  
Quanto do seio meu se encerra dentro  
Liberal eu virei dar-lhe em tributo;  
Da grande cópia do amarelo fruto  
Os curvos lenhos em fecundas frotas  
Irão levar às regiões remotas  
As preciosas porções, que nunca vira  
Em tal grandeza o Rei, que dividira  
As águas do Eritreu, e desde o Tiro  
Ao claro Ofir voou com longo giro.

Do Carmo a Vila, e a Vila do Ouro  
Preto Formarão das conquistas o projeto;  
Junto ao Rio, a que as Velhas deram nome,  
A terceira erguerá, que o foral tome.  
lá vens cortando o mar para rendê-lo,  
Magnânimo Silveira; do teu zelo Fia o  
Rei se adiante o novo Empório:  
Em trinta arrobas de ouro faz notório

Por esta vez o Povo o seu tributo,  
E agradecido o Rei conhece o fruto  
Da tua persuasão, sem que a violência  
Arrastasse os esforços da prudência.  
Do teu Antecessor seguindo a estrada,  
Passas a ver com glória edificada  
A Vila que escondida o Fado tinha  
Com o precioso nome da Rainha;  
E no distante Serro se levanta  
A outra, que do Príncipe se canta;  
Ditosas povoações, que hão de algum dia  
Encher de lustre a Lusa Monarquia.

Criadas as três Vilas, já demarcas  
Os distintos limites das Comarcas:  
Dás com próspera mão leis, e moderas  
As discórdias civis; já consideras  
Domado o povo, e em sucessão gloriosa  
Ao claro Almeida entregas a preciosa  
Porção das Minas do Ouro: ó tu, mil vezes  
Digno filho de Marte, que os arneses  
Acabas de romper entre os Iberos;  
Que ousados braços, que semblantes feros  
Te não cabe aterrar! Ao longe eu vejo  
Erguer-se a multidão, que em vão forcejo  
De atrair e render; vem arrastando  
Infames Chefes o atrevido bando:  
Chegam, propõem, disputam; nem se nega  
Teu intrépido rosto à fúria cega  
Do fanático orgulho. Ah! não se engane  
O Vassalo infiel; bem que profane,  
Que ataque e insulte a Régia Autoridade,  
Ao destroço da vil temeridade  
Será o campo teatro, e em sangue escrito  
Chorarão sem remédio o seu delito.

Cai a sublevação, e restabece

Outro Almeida o real decoro; cresce  
A opulência no Estado; um Melo e Castro,  
Da esfera lusitana feliz astro,  
Já sucede ao bastão que Almeida empunha;  
Deste Herói as virtudes testemunha  
Itália toda, e as suas glórias soma,  
Cheia de tanto nome, a ilustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno  
Sucessor de Galveas; o benigno  
Céu, que te envia a nós, de riso cheio  
O seu semblante inculca; ah! que do meio  
Do Guadiana te arrancou! Pendente  
Lá vejo a espada, e vejo a areia quente  
Do sangue derramado! Que destino  
Tão fausto para nós! Já imagino  
Que eternos os teus dias lograremos!  
Dos Tritões sobre as costas levaremos  
Ao luso Atlante, nunca tão pesados,  
Os Reais Cofres; vinde, ó dilatados  
Sertões, vinde montanhas, vinde rios;  
Chegai também, ó bárbaros Gentios  
Do bravo Cuiabá, do Mato Grosso,  
De Pilões, de Goiases, vede o vosso  
Destro Governador, que desde as  
Minas Sustenta a rédea, e manda as peregrinas  
E sábias direções, com que reparte  
Em uma e outra dilatada parte  
Sua próspera mão, com que segura  
O bem do Rei, dos Povos a ventura!  
Já do pardo Uruguai busca a corrente;  
O Irmão o substitui; o sangue ardente  
Lhe lembra a imitação de heróicos feitos,  
Generosos A Andradas, dignos peitos!  
Este alimpa os Sertões da gente ociosa,  
Que do roubo se nutre; a deliciosa  
Margem do Rio Grande é povoada.

Toda a larga campina que pisada  
Fora do cafre vil ao Régio Erário  
Rende os tributos; pode o Céu contrário,  
Sim, roubar-vos, ó Freires, mas na idade  
Há de ser imortal nossa saudade.  
Vês ora o grande Lobo: este caminha  
Seguindo a Serra, que lá tem vizinha  
De Paulo a Capital; impede os passos,  
Que abre o extravio; pronto aos ameaços  
Da Guerra acode, a Terra fortalece  
De militares tropas, e a garante  
De bélicos petrechos: já fundido  
Sai da fornalha o bronze, e convertido  
Em raios de Vulcano atoa os montes.

Mas ai! que já do Tejo os horizontes  
Se vêem escurecer! Já deixa a praia  
Aquele Herói saudoso, que se ensaia  
De verdes anos a ganhar vitórias!  
Já nos demanda e busca: nas memórias  
Seu nome impresso guardarão as Minas.  
Oh! e de que influências tão benignas  
Seu governo não é! Ao conquistado  
Quanto de novo tem acrescentado!  
Domésticas aldeias reconhecem  
A proteção do Rei; já obedecem  
As distantes regiões; vem o Tapuia  
Do escuro Cuieté, ou do Urucua  
Beijar o Santuário: qual se esconde  
Rio, ou montanha tão remota, aonde  
Não se investigue por seu mando o ouro?  
Que crime há tão seguro, que ao vindouro  
Com o exemplo profane? Oh! singulares  
Dotes do Conde meu de Valadares!

Assim cantava a Ninfa, arrebatada  
Do profético espírito; dourada

E sonora a trompa já se ouvia  
Entre um tropel de brutos, que feria  
A praia oposta; a luminosa sala  
Se ia negando aos olhos; já não fala  
Itamonte, e o Mancebo já se esconde;  
E Garcia (oh! prodígio!) se acha aonde  
Há pouco antes se achara, e adverte, e nota  
Que para ali com plácida derrota  
Vêm chegando Albuquerque e os companheiros.  
Já festivos clarins pelos oiteiros  
Se deixam perceber, louvando a vinda;  
Em vivas tudo soa; e corre ainda  
O mesmo bando que turbara a entrada  
A protestar a fé, já detestada  
A torpe idéia, que o arrastara um dia.

Alegre o Herói se abraça com Garcia;  
Alegres dão-se as mãos Borba e Camargo;  
Conta o Mancebo do feliz letargo  
As horas; conta o Herói o que passara,  
Como um e outro Chefe ali o buscara;  
Como já com certeza achado tinha  
O sítio, aonde levantar convinha  
A Capital das Minas: vem Fialho,  
Afirma que, seguindo um breve atalho,  
O fundo registrara de Itamonte;  
Que vira o vale e a aprazível fonte,  
Onde de Eulina inda a memória vive.  
Presente, diz o Herói, também eu tive  
Toda esta noite quanto viu Garcia.  
O Gênio celestial, que pôde um dia  
Descobrir-me o segredo deste empório,  
Tudo aos meus olhos, tudo pôs notório;  
Vi este sítio, o Vale, o Rio, a Serra,  
E os tesouros, que o monte ao longe encerra;  
Aqui entre estes povos se levante  
A Vila, e já passando mais avante

Se erija a Capital: isto dizendo,  
Reparte as ordens; todos concorrendo  
A um tempo vão na fábrica luzida  
De um e outro edifício! Da ferida  
Que abria o ferro em um robusto lenho,  
Cômodo à obra, por notícia tenho  
Que um cheiroso licor se derramava  
Da cor do sangue; absorto o Herói estava,  
E vendo a maravilha, diz a Bueno:

Acaso crera que o país ameno  
Lembra o sucesso das irmãs piedosas,  
Que inda choram no Erídano as saudosas  
Memórias do abrasado irmão; coalhadas  
Assim se vêem as lágrimas brotadas  
Dos moles choupos. Bueno, que não perde  
A oportuna ocasião, do tronco verde  
Toma argumento e diz: A antiga história  
Desta árvore, eu a guardo de memória,  
Desde a primeira vez que um índio velho  
Encontrei nos Sertões, e de conselho  
Saudável quis que eu fosse socorrido.  
Nestes montes me conta que nascido  
Fora um mancebo: Blázimo era o nome,  
Que a corrupção do tempo em vão consome,  
De bálsamo guardando inda a lembrança.  
Este, tão destro em sacudir a lança,  
Como em matar às mãos o tigre ousado,  
Da formosa Elpinira namorado,  
E seguro no cetro que mantinha  
De trinta aldeias que a seu mando tinha,  
A demandava esposa: disputava  
Argante um tal amor; a grossa aljava  
Dos ombros lhe pendia, e sempre em guerra  
Fumar fazia a ensangüentada terra.  
Elpinira, que causa se conhece  
De tanto estrago, entre ambos se oferece

A dar a mão ao que a ganhasse em sorte  
(Por que caminhos não buscava a morte!).  
Convêm os dois rivais, e o pacto aceito,  
Um dos dias do ano têm eleito,  
Em que o seu Paraceve festejavam.  
Branças e negras pedras ajuntavam  
Em uma concha e, em roda juntos todos,  
Ao grande ato concorrem; vários modos  
Inventam já de baile, jogo e dança,  
Coroando cada um sua esperança.  
Preside às sortes o bom velho Alpino,  
Pai de Elpinira e Rei: vem o ferino  
Argante, pés e mãos tendo cercado  
De verdes penas, onde amor firmado  
Traz a esperança da vitória; a frente  
Blázimo adorna de um laurel florente,  
Que tecem muitas rosas, misturadas  
De suavíssimo cheiro; estão sentadas  
Várias índias, cercando em meio a bela  
Elpinira; orna a testa uma capela  
De rosas, e folhetas pendem de ouro  
Das orelhas; por tudo um triste agouro  
Respirou: muitas árvores tremeram,  
Os pássaros do dia se esconderam,  
Só os da noite sussurrar se viram.  
Juram, dando-se as mãos os dois, e tiram  
Cada qual sua pedra; a branca expunha  
Sorte feliz; a negra testemunha  
A perda da consorte; está jurado  
Sofrer com paz o que não for premiado.  
Blázimo vence, Argante se retira,  
E simulando a dor, geme e suspira.  
"Viva Blázimo!", dizem: logo as vozes  
A Argante vão ferir, e tão atrozes  
Passam a ser as fúrias em seu peito,  
Que desde aquele instante faz conceito  
De vingar sua dor, roubando a glória



Ao mesmo que o privara da vitória.

Com rosto disfarçado quer contudo  
Lograr o golpe; um meditado estudo  
Lhe lembra a ocasião, o sítio, e a hora  
De banhar toda em sangue a mão traidora:  
"Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte  
Nas vossas glórias; todo o esforço d'arte  
E do engenho porei, por que se veja  
Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.  
Na minha aldeia, e entre os meus povos quero  
Festejar vossas núpcias; nela espero  
Dar-vos provas do gosto e da alegria  
Que me sabe trazer tão fausto dia.  
Ali de firme paz e de aliança  
Farei novo concerto, e da vingança  
Cederá de uma vez o vil projeto"  
(Oh! dura força de um mentido afeto!).  
Aceita Alpino: Blázimo é contente,  
E Elpinira também, que já presente  
Crê a ventura que esperava ansiosa.  
Três dias pede Argante, e a insidiosa  
Idéia lhe propõe um torpe meio  
De executar o dano sem receio.  
Manda alimpar a estrada, funda cava  
Faz abrir no mais plano, que abarcava  
Ambas as margens; desde o centro ao alto  
Mete a aguçada estaca, e quanto falto  
De terra está cobre de ramo brando;  
Sobre ele moles folhas vai deitando,  
Que a mesma terra entaipa, e já figura  
A superfície igual, e limpa, e pura.

Chega a terceira Aurora; desde a Aldeia  
Alegres vêm saindo, e os lisonjeia  
Argante, tendo em frente aparelhado  
Do lugar da traição o costumado

Baile, com que na paz se festejavam  
De muitos dos seus índios. Já pisavam  
A estrada os dois amantes: o Pai vinha  
De um lado, e de outro lado da mão tinha  
Blázimo presa a idolatrada Esposa  
(Que alegre vista, que ilusão faustosa!).  
Todos diante vêm; este o costume  
É da nação; nem teme, nem presume  
Algum dos três, e inda o povo todo,  
A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante e seus índios se avistavam,  
Em vivas desde longe se saudavam.  
Infelizes (que dor!) as plantas punham  
Sobre a coberta cava, e já supunham  
Que os braços ao amigo se estendiam,  
Quando passados os seus peitos viam  
Das aguçadas farpas: volta Argante  
Colérico, soberbo e triunfante  
Sobre os desprevenidos que acompanham  
Sem armas ao seu Rei; todos se apanham  
Presos às mãos das emboscadas; morrem  
Imensos índios; a fugir recorrem,  
Mas a gente que às costas lhes ficava,  
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os três índios, lançam terra  
Sobre os seus corpos; uma só urna encerra  
O mísero despojo. O Céu procura  
Vingar o grave horror: da sepultura  
Vê-se brotar uma árvore, que verte  
Cheiroso sangue. O caso se converte  
Em fabulosa história, e se acredita  
Que Blázimo, a quem segue esta desdita,  
Das mesmas flores de que a testa ornara,  
E do seu sangue a cor e o cheiro herdara;  
E que o Céu testemunhos multiplica,

Multiplicando os troncos; assim fica  
A tradição nos nacionais guardada;  
O Índio que me conta a dilatada  
História diz-me, então, que mal segura  
É sempre a fé que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora  
Que alto mistério dissimula agora  
Em suas vozes Bueno; tem previsto  
Quanto o nome do Rei se vê malquisto  
Entre os Chefes do povo levantado;  
E trazendo em memória o já passado  
Encontro adulator, que de Fernando  
Acobardara a entrada, então chamando  
Os membros principais, que arrebatava  
A fanática idéia, assim falava:

Vassalos sois de um Rei, que não vos deve  
O cetro, ou a coroa; a origem teve  
Já dos vossos Senhores; por herança  
O Reino Augusto em suas mãos descansa.  
Sendo assim, bem sabeis que é só tributo,  
E não dádiva vossa aquele fruto  
Que adquirem vossas forças; dou que fosse  
Vossa a conquista; o seu domínio e posse  
Só cede ao vosso Rei; causa comua  
Seja ela embora, é nossa, porque é sua.  
Ele os seus braços para nós estende,  
Nos manda e rege; e tudo compreende  
O seu Império na maior distância;  
Nós juramos das Leis toda a observância,  
E do primeiro pacto não devemos  
Apartar-nos, pois nele nos prendemos.  
Do castigo e do prêmio ele confia  
Das minhas mãos o arbítrio; eu deveria  
Usar do meu poder; porém cedendo  
À piedade o rigor, de vós pertendo

Só dignas provas de obediência pura.  
Não quero crer a sem-razão perjura,  
Que dominou em vós; a caluniosa,  
Torpe mentira, cuido que enganosa  
Fez voar tudo quanto é já notório  
Que tem feito a ruína deste empório;  
Enfim perdão a todos o passado;  
Firma o Rei o perdão que tenho dado.

Conheço (e com Viana só falava)  
Que em vós, e em vosso peito dominava  
Um zelo justo pelas leis que guardo;  
De dar as providências já não tardo  
Sobre os dous ímpios, que influir puderam  
Nas discórdias civis: eles se alteram  
Com a minha chegada, e vão buscando  
Estranhos climas, libertando o bando,  
Que atraíram talvez, ou que arrastaram:  
Os poucos membros, que entre nós ficaram,  
Farei por conservar na paz, que espero;  
Mas da vossa obediência aprova quero  
Mais sólida e mais firme; ao longo centro  
Dos Sertões passareis, e ali dentro  
Dos seus limites contereis seguros  
Na doce paz os ânimos impuros;  
Que os não manche outra vez o humor nocivo  
Da infame Rebeldia; o braço ativo  
Saberá, esgotando todo o empenho,  
Destroçá-los, puni-los: mas que venho  
A meditar? De vós tudo confio;  
De vós, do vosso zelo, esforço e brio.

Isto dizendo, os braços estendia  
Para Viana: neles recebia  
Logo a Francisco, a quem recomendava  
O mesmo, e muitas vezes protestava  
Que do seu Rei poria na presença

Um tal serviço; ordena sem detença  
Que partam desde logo; têm por dita  
Os dous Vassalos ver que os acredita  
O conceito do Herói; as mãos lhe beijam,  
E o desterro político desejam  
Cumprir, mais que por força, por vontade.

Conrado e outro conspirado Frade  
Ao longe vão marchando; e dão as costas  
À torpe Hipocrisia, que dispostas  
Tinha em vão as idéias do atentado;  
A Rebeldia ao centro tem baixado;  
Cheio de fúrias mil vomita fogo  
O Interesse, que o guia e arrasta logo  
O falso Engano e a Traição malvada,  
Que vêm tanta fadiga malograda.

## CANTO X

De Flégon e Pírois as rédeas de ouro  
Batia o Sol, e com feliz agouro  
Em giros onze ao lusitano fasto  
Sobre mil setecentos que tem gasto  
Pelo eclítico cerco, enfim trazia  
O mês que Roma do seu Júlio fia

Eis que Albuquerque, adiantando o passo  
Da margem que deixara, em breve espaço  
Pisava as faldas do Itamonte: estava  
Co'os olhos fitos o Gigante, e dava  
Vivos sinais de uma alegria interna;  
Certo que de seus braços já governa  
Tão grande parte a direção prudente

Do magnânimo Herói, ele impaciente  
Na dilação de ver a Vila erguida,  
Conta-se (nem do caso se duvida),  
Que assim falara quando o viu diante:

Ó tu, por tantos riscos triunfante,  
Albuquerque feliz, pois que a fortuna  
Te conduziu com máxima oportuna  
A registrar de perto os meus domínios,  
Pois que cortados os fatais desígnios  
Do conjurado bando alegre pisas  
Este verde País, onde eternizas  
Em gloriosos feitos o teu nome,  
Deixa que em teu obséquio a empresa tome  
De ir já desentranhando do meu seio  
Os mármore mais finos; nisto veio  
Pulando desde o centro um Padrão liso  
Da mais subida massa; eu já diviso  
Nele entalhadas do cinzel agudo  
As Régias Armas; tanto ao destro estudo  
De Praxíteles não devera a idade:  
Sobre o quadro da base à eternidade  
Se recomenda a estampa; ao alto erguida  
Sobre a coluna, a ponta está partida  
De um aguçado alfanje; assim denota  
Que aos crimes ameaça, e o sangue esgota  
Dos que entregues à pérfida maldade  
Desconhecem as leis da humanidade.

Este Padrão no meio se coloca  
Da Régia Praça, que os Céus provoca  
Soberba torre em que demarca o dia  
Volúvel ponta, e o Sol ao centro guia.

De férreo pau já sobe, e já se estende  
Magnífico edifício, onde pertende  
A Deusa da justiça honrar o assento.

Aqui das penas no fatal tormento  
A liberdade prende o delinqüente,  
E arrastando a misérrima corrente  
Em um só ponto de equilíbrio alcança  
Todo o fiel da sólida balança.

Da sala superior teto dourado  
Já se destina ao público Senado,  
Que o Governo econômico dispensa.

Lavra artífice destro sem detença  
Os mármore cavados; de polidas  
E altas paredes já se vêem erguidas  
As majestosas casas, que recolhem  
Régios Ministros que os tributos colhem;  
Em respectivos tribunais decentes  
Dão as próvidas leis: talvez presentes  
Tem Itamonte já no claro auspício  
De um e outro magnífico edifício  
As que espera lavrar líquidas fontes,  
Que vomitam delfins, e régias pontes,  
Que se hão de sustentar sobre a firmeza  
De grossos arcos da maior riqueza.

Presentes tem talvez os Santuários,  
Em que se hão de esgotar tantos erários,  
Onde Roma há de ver com glória rara  
Que debalde aos seus templos disputara  
A grandeza, o valor e a preeminência.

Trajando as galas da maior decência  
Na casa do Senado o Herói entrava;  
Da cor da tíria púrpura talhava  
A farda militar; cinge-lhe o lado  
A rica espada, que já tem provado  
Mil vezes o furor do irado Marte;  
E a mão, que os prêmios liberal reparte

E dispõe os castigos, já sustenta  
O bastão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadrões formados,  
Monta a Cavalaria, e cinge os lados;  
O centro ocupa a Infantaria; tudo  
Respira da grandeza um novo estudo:  
Brilha o asseio e a ostentação; a idéia  
Crê que dos Céus na vista se recreia,  
Vendo nos recamados fios de ouro  
Que o Sol retrata ali o seu tesouro.

Desta arte entrando vai na Régia Sala,  
Senta-se, mede a todos, e assim fala:  
Felizes vós, feliz também eu devo  
Chamar-me neste dia, pois que escrevo  
Com letras de ouro o meu, e o nome vosso.  
Entre as vitórias e entre as palmas posso  
Seguro descansar: enfim caída  
Vejo de todo a rebeldia erguida,  
E Vassalos de um Rei, que mais vos ama,  
Buscais acreditar a vossa fama  
Com o dote imortal, que a Nação preza,  
De uma fidelidade portuguesa.  
De meus antecessores longe o susto;  
Goze-se a doce paz, e um trato justo  
De amizade e de fé, de hoje em diante  
Acabe de apagar o delirante,  
Fanático discurso, que inda excita  
De algum Vassalo a dor; não se limita  
O Régio Braço: a todos se dilata,  
A todos favorece, acolhe, e trata  
Sem outra distinção mais do que aquela  
Que demanda a virtude ilustre e bela.

Disse; e solenizando a ação, procura  
Se lavre logo a sólida escritura,



Onde o foral da Vila se estabelece.  
Entanto o pátrio Gênio lhe oferece,  
Por mão de destro artífice pintadas  
Nas paredes, as férteis, dilatadas  
Montanhas do País; e aqui lhe pinta,  
[Por ordem natural, clara e distinta]  
A diferente forma do trabalho  
Com que o sábio mineiro entre o cascalho  
Busca o louro metal, e com que passa  
Logo a purificá-lo sobre a escassa  
Tábua, ou canal do liso bulinete,  
Com que entre a negra areia ao depois mete  
Todo o extraído pó nos lisos vasos  
(Que uns mais côncavos são, outros mais rasos)  
E aos golpes d'água da matéria estranha  
O separa e divide; alta façanha  
De agudo engenho! A máquina aparece,  
Que desde a sua altura ao centro desce  
Da profundada cata, e as águas chupa.

Vê-se o outro mineiro, que se ocupa  
Em penetrar por mina o duro monte  
Ao rumo oblíquo, ou reto; tem defronte  
Da gruta, que abre, a terra que extraíra;  
Os lagrimais das águas que retira  
Ao tanque artificioso logo solta;  
Trazida a terra entre a corrente envolta,  
Baixa as grades de ferro; ali parados,  
Os grossos esmeris são depurados,  
Deixando ao dono em prêmio da fadiga  
Os bons tesouros da fortuna amiga.

Por entre a pedra estoutro vai buscando  
As betas de ouro; aquele vai trepando  
Pelo escabroso serro, e as águas guia  
Pelos canais que lhe abre a pedra fria.

Não menos mostra o Gênio a agricultura  
Tão rara do País, aonde a dura  
Força dos bois não geme ao grave arado;  
Só do bom lavrador o braço armado  
Derriba os matos, e se ateia logo  
Sobre a seca matéria o ardente fogo.

Da mole produção da cana loura  
Verdeja algum terreno, outro se doura;  
O lavrador a corta, e lhe prepara  
As ligeiras moendas; ali pára  
O espremido licor nos fundos cobres:  
Tu, ardente fornalha, me descobres  
Como em brancos torrões haja tornado  
A estímulos do fogo o mel coalhado.

O arbusto está, que o vício tem subido  
A inestimável preço, reduzido  
A pó sutil o talo e a folha inteira.  
Não menos brota a oriental figueira  
Com as crescidas folhas, e co'o fruto,  
Que inda nos lembra o mísero tributo,  
Que pagam nossos Pais, que já tiveram  
A morada do Éden e não puderam  
Guardar por muito tempo a lei imposta  
(Ó natureza ao Criador oposta!).

Os pássaros se vêem de espécie rara  
Que o Céu de lindas cores emplumara;  
As feras e animais mais esquisitos  
Todos no alegre mapa estão descritos,  
Os olhos deleitando e entretendo  
O Herói que facilmente o está crendo,  
Ao ver que destra mão dar-lhes procura  
A vida que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava e já firmado

O termo, que escrevera o bom Pegado;  
Quando mais que a eleição, podendo o acaso,  
Manda o Herói que se extraíam dentre um vaso  
Os nomes dos primeiros a quem toca  
Reger a Vara que a justiça invoca.  
A ti te chama a sorte, ó grande Melo,  
E tu, Fonseca, em nobre paralelo  
Cedes nos anos teus a precedência,  
Do que contemplas próvida influência.  
Seguem-se àqueles dous um Figueiredo,  
Um Gusmão, um Faria, e te concedo  
Que sejas tu, Almeida, o que completes  
O número na ação em que competes.

Ansioso o Povo às portas esperava  
Pela alegre notícia, e já clamava  
Viva o Senado... Viva! Repetia  
Itamonte, que ao longe o eco ouvia.

Enfim serás cantada, Vila Rica,  
Teu nome impresso nas memórias fica;  
Terás a glória de ter dado o berço  
A quem te faz girar pelo Universo.

## **Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística**

### **LITERATURA BRASILEIRA**

Textos literários em meio eletrônico

*Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa

Edição de Referência:

*A Poesia dos Inconfidentes*, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.